

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ADELIA MARIA DE SOUZA LIMA

ASPECTOS DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO EM VILA
BELA/MT: NASALIDADE.

Cáceres - MT

2018

ADELIA MARIA DE SOUA LIMA

ASPECTOS DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO EM VILA
BELA/MT: NASALIDADE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

Cáceres - MT

2018

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

ADELIA MARIA DE SOUZA LIMA

ASPECTOS DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO EM VILA
BELA/MT: NASALIDADE.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Wellington Pedrosa Quintino (Orientador – PPGL/UNEMAT)

Dr^a. Áurea Cavalcante Santana (UFMT)

Dr^a. Mônica Cidele da Cruz (PPGL/UNEMAT)

APROVADA EM: __/__/2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais: Antônio Andreino de Souza e Tereza Rodrigues de Souza, pelo apoio e incentivo ao prazer de vencer obstáculos...

Ao meu esposo, Elói Inácio, pela compreensão às vezes, incompreendida, mas que eu compreendo, pois muitas vezes troquei sua companhia pelas teorias, as viagens, as ausências, por estudar fora de minha cidade, enfim vencemos e continuamos, pois sei que não consigo parar. A você meu querido, que essas poucas páginas representem o reflexo de minha singela busca, pois sei que o que me agrada te alegra, assim somos felizes....

Aos meus filhos, Igor Vinicius e Ítalo Andrey, principais razões de minhas buscas, por vocês que traço trilhas através do conhecimento, no anseio de que possam transformá-las em rodovias...

Aos meus irmãos, Áureo, Auda, Auderi e Agda, dedico-lhes essa conquista, pois sei que os represento nessa empreitada, e que cada um com suas especificidades é mestre no que faz.

A toda minha família...

AGRADECIMENTOS

A Deus em quem confio e renovo minhas forças...

A minha família por me apoiar nesta empreitada

As minhas amigas:

Thalita Sampaio por me incentivar ao conhecimento linguístico e fortalecer nossos laços afetivos, pois neste percurso vivenciamos e trocamos muitas experiências. E Marcia Aparecida que não mediu esforços para ajudar. A vocês amigas, meus sinceros agradecimentos...

Ester Oliveira, Edeina, e Irlene Renata, ponto de apoio entre Pontes e Lacerda a Cáceres e Pontes e Lacerda a Vila Bela. Obrigada pelo acolhimento e apoio necessário. Vocês foram fundamentais para que eu conseguisse alcançar êxito nesta tarefa.

E ainda minhas colegas da Escola São José, as coordenadoras por me ajudarem com os horários, todas as professoras, em especial: Benilda e Rosilene pela contribuição e substituições de minhas aulas.

E todos os amigos que sempre me fortaleceram nessa busca. Em especial, A TURMA DE MESTRADO E DOUTORADO/2016, tenho um profundo apreço por todos vocês e como *cada um é responsável por aquilo que cativa* procuro fazer *jus* à minha parte.

Aos moradores de Vila Bela, agradeço pela receptividade e em especial àqueles que participaram de minha pesquisa, obrigado pela colaboração...

A meu orientador, Wellington Quintino, pelo seu profundo conhecimento fonético e fonológico que me despertou o interesse nessa área, por toda a formação linguística que me proporcionou e por ser um excelente profissional.

A Dr^a Aurea Cavalcante Santana e a Dr^a. Mônica Cidele da Cruz, por aceitarem o convite de modo a acrescentar grandemente em meu conhecimento.

A CAPES, pela bolsa concedida.

*Independentemente de existir ou não ciência,
independentemente de existir ou não filosofias,
idealistas ou materialistas, os homens falam,
as línguas existem, seu estudo objetivo (científico) é possível,
e, aliás, parcialmente realizado hoje em dia. (Michel Pêcheux).*

RESUMO

Esta pesquisa investiga alguns aspectos da fala dos moradores nativos da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso, localizada na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. A população dessa cidade é, predominantemente, afrodescendente. Estamos pautados na área de estudos dos processos linguísticos, com ênfase nos processos de variação e mudança, com especial destaque para a fonética e a fonologia. Do ponto de vista sociolinguístico, nos interessa saber como a interação entre diferentes grupos sociais, com diferentes referenciais linguísticos e culturais, a saber, africanos, portugueses, bolivianos e indígenas, resulta no desenvolvimento de uma variedade tão particular do Português Brasileiro, na variedade de Vila Bela. Do ponto de vista fonético, é importante registrar a realização do glide posterior de base /oN/ que ocorre, a priori, como [ãw] e do glide /aN/ que ocorre como [õ]. Do ponto de vista fonológico, nos interessa discutir o *status* que o traço nasal ocupa nessa variedade do português brasileiro e trazer luzes sobre a existência ou não de vogais subjacentemente nasais na língua portuguesa. Os dados, de primeira mão, foram coletados dos moradores, nativos de Vila Bela, de forma espontânea e orientada. A partir da descrição dos dados, à luz da Fonologia de Geometria de Traços, notamos um possível processo de não espalhamento de nasalidade, sendo a vogal central baixa o segmento bloqueador do traço nasal nessa variedade.

Palavras-chave: Fonética/fonologia, Assimilação, Nasalidade.

ABSTRACT

This research investigates some aspects of the speech of the native inhabitants of the city of Vila Bela of the Holy Trinity, in Mato Grosso, located in the border between Brazil and Bolivia. The population of this city is predominantly Afrodescendant. We are focused on the study of linguistic processes, with emphasis on processes of variation and change, with emphasis on phonetics and phonology. From the sociolinguistic point of view, we are interested in knowing how the interaction between different social groups, with different linguistic and cultural references, namely, Africans, Portuguese, Bolivians and Indians, results in the development of such a particular variety of PB. From the phonetic point of view, it is important to record the realization of the posterior glide of base / oN / which occurs, a priori, as [a] and glide / aN / which occurs as [õ]. From the phonological point of view, we are interested in discussing the status of the nasal trait in this variety of Brazilian Portuguese and bring light to the existence or not of nasal vowels in the Portuguese language. The data, first hand, were collected from the residents, natives of Vila Bela, in a spontaneous and oriented way. From the description of the data, in light of the Phonology of Trace Geometry, we noticed a possible non-nasal spreading process, with the central vowel lowering the nasal tract blocking segment in this variety.

KEYWORDS: Phonetics / Phonology, Assimilation, Nasality

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
I. HISTORICO DO MUNICIPIO DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE.....	14
I.I. Os Afrodescendentes.....	18
I.II. Localização e População Atual.....	22
I.III. Aspectos Linguísticos e Sociolinguísticos... ..	24
II. FONÉTICA E FONOLOGIA.....	32
II.I. Assimilação e Dissimilação.....	37
II.II. Hierarquia de Nasalidade.....	41
II.III. A Sílabas no Português.....	46
II.IV. Os Traços Distintivos.....	50
III.O TRAÇO NASAL NA VARIEDADE DO PB EM VILA BELA/MT.....	55
III.I. Dados e Análise de Consoante Nasal em Coda.....	57
III.II. Dados e Análise de Consoante Nasal em Onset.....	70
IV. GLIDE POSTERIOR DE BASE \oN\E GLIDE LABIAL \aN\. UMA QUESTÃO DE FALA.....	74
V. CONSIERAÇÕES FINAIS.....	81
VI. REFÊRENCIAS.....	83
VII. ANEXO.....	87

INTRODUÇÃO

*A língua e a fala não ocorrem separadas,
ambas são independentes,
a língua é ao mesmo tempo o instrumento e o produto da fala.
Dessa forma, língua e fala,
constituem a linguagem humana (...).*

O presente trabalho discute aspectos sobre o traço nasal na fala dos moradores nativos da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. Do ponto de vista sociolinguístico, interessa-nos saber como a interação entre diferentes grupos sociais, com diferentes referenciais linguísticos e culturais, a saber africanos, portugueses, bolivianos e indígenas resulta no desenvolvimento de uma variedade tão particular do Português Brasileiro (a partir desse momento usaremos a sigla PB, para nos referirmos a esse termo).

Essa pesquisa de cunho teórico bibliográfico pautar-se-á pela fonética e fonologia, com abrangência na área da sociolinguística, tendo como embasamento alguns estudiosos dessa área tais como: Abaurre (1992), Bisol (1998), Câmara Jr. (2008), Cagliari (2002), Walker (1998), Quintino (2012) entre outros.

Do ponto de vista fonético, é importante registrar a realização do glide posterior de base /oN/ que ocorre regularmente como [ãw] e o glide de base /aN/ que ocorre como [õ], em nossos dados.

Do ponto de vista fonológico, interessa-nos discutir o *status* que o traço nasal ocupa nessa variedade do português brasileiro e trazer luzes sobre a existência ou não de vogais subjacentemente nasais na língua portuguesa. E ainda, apresentar palavras que no PB são nasalizadas e na fala desses moradores apresentam-se como oralizadas. O molde estrutural do nosso trabalho foi organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo apresentamos a história do município de Vila Bela, o histórico da cidade, localização e um pouco sobre a população e os aspectos linguísticos e sociolinguísticos.

No segundo capítulo tratamos sobre a fonética e a fonologia, duas áreas da linguística de extrema importância para a comunicação. E para que possamos nos

aproximar um pouco desse assunto, faz-se necessário esta abordagem, a qual engloba o assunto de nossa pesquisa, assimilação e dissimilação, hierarquia de nasalidade, a sílaba no português e os traços distintivos.

No terceiro capítulo abordamos o traço nasal, que é o gatilho para desencadear o assunto que envolve o fenômeno de fala da variedade do português de Vila Bela. E conseqüentemente, apresentamos a análise com os dados de fala da consoante nasal em coda e da consoante nasal em onset.

No quarto capítulo analisamos os glides posteriores de base /oN/ e /ẽw/, outro fenômeno de variedade que percebemos na fala dos vilabelenses, que também é característica na fala dos moradores daquela localidade.

Os dados foram coletados e selecionados em primeira mão, através de entrevistas ou conversas informais, com moradores de várias faixas etárias, assim foram gravadas as falas dos nativos de Vila Bela, as quais depois de gravadas foram ouvidas e permitidas para análise.

Fizemos uma audição criteriosa e demos preferência pelas palavras que apresentaram nasalização, na variedade da língua portuguesa. Assim, descrevemos foneticamente a fala de alguns moradores, tanto na variedade do português brasileiro, quanto na variedade do português de Vila Bela, e, posteriormente apresentamos nossas análises. Deste modo exibimos nossas considerações finais.

I. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Em contato com a representação escrita da língua que fala, o sujeito reconstrói a história da sua relação com a linguagem. A contemplação da forma escrita da língua faz com que ele passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente...

(Maria Bernadete Marques Abaurre)

A cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade foi fundada a mando da coroa portuguesa, no ano de 1752, a princípio por apresentar uma rota fluvial pertinente aos anseios dos comandos daquela época, no século XVIII, e ainda por possuir terras com fortes indícios de ouro. Com o intuito de acumular riquezas, mais especificamente ouro, as expedições portuguesas em Mato Grosso adquiriram grandes proporções territoriais, que influenciaram tanto as explorações de terras quanto o modo de vida daqueles que ali já viviam. Como primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela ficou conhecida em todo o estado, ainda se destaca por suas belezas naturais, pois é banhada pelo rio Guaporé, afluente da bacia Amazônica. Possui belas paisagens como a Serra Ricardo Franco, antigamente conhecida como Serra Grão Pará e inúmeras cachoeiras. Além destas belezas naturais, a cidade também é conhecida por seus ‘festejos’, como a festa do Congo, em homenagem ao Divino Espírito Santo, a festa de São Benedito e a da Santíssima Trindade, todas realizadas no mês de julho de cada ano.

Pela busca do tão almejado metal precioso, o ouro, essas expedições desbravaram aquelas terras e fundaram os distritos de Cuiabá e de Mato Grosso. Por ser, naquela época, uma área de grande extensão, resolveram então dividi-la em duas partes, como destaca Lima:

O atual estado de Mato Grosso pertencia à província de São Paulo. Com a descoberta das minas de ouro e pela extensão da área dessa província, o governo português, sentiu, então, a necessidade de desmembrá-la em uma área menor, como estratégia de segurança e soberania do território de domínio português. Diante desse quadro, em Lisboa, o Rei D. João V resolveu criar uma nova unidade administrativa no Brasil, englobando os dois distritos auríferos: Cuiabá e Mato Grosso. (Lima, 2000, p.24)

Diante da situação pela qual passava, o governo resolveu criar, como já dissemos, dois distritos, para melhor conduzir e administrar essas terras. No entanto, por existir uma grande concentração de ouro numa dada extensão dessas terras, na região sudoeste, resolveram por bem criar um novo distrito nesses arredores, e assim nasceu Vila Capital, que mais tarde se tornou Vila Bela da Santíssima Trindade, pelas mãos de D. Antônio Rolim de Moura, quem trouxe as incumbências do rei com a planta projetada para a construção dessa cidade.

Era fundamental criar, naquela época meados do século XVIII, as vilas e posteriormente as cidades, como garantia de maior domínio de posse do império colonial português, objetivando ter maior controle sobre as pessoas que habitavam os espaços urbanos, transformando-o em um verdadeiro lugar de colonização lusitana.

Os portugueses tinham a preocupação em relação ao domínio das terras em Mato Grosso, buscava-se, também, que o recém-conquistado território na fronteira oeste garantisse frente à Coroa Espanhola e ao mesmo tempo posse e uso do espaço. Conforme Oliveira (2003), Portugal procurou efetivar oficialmente a posse de um vasto território no continente sul-americano, que além de possuir um subsolo rico em minérios, também apresentava um grande potencial de navegação.

Naquela época, meados do século XVIII, os rios que banhavam aquele local que hoje é o território da cidade de Vila Bela, ofereciam um canal favorável às navegações e formavam corredores de ligação com o litoral. A Coroa portuguesa achou por bem instalar ali uma vila, que serviria de porto de embarque e desembarque de mercadorias e escravos.

Assim nasceu o distrito de Mato Grosso e para proteger suas fronteiras, a Coroa Portuguesa, implementou uma base militar na vizinhança dessa capitania. No dia 19 de março de 1752, mês em que se dá a vazante do rio Guaporé, como ressalta os pesquisadores, Amado e Anzai, (2006), D. Rolim de Moura ordenou que levantassem a Vila, com ‘as bênçãos da Santíssima Trindade’ e essa cidade passou a ser nomeada Vila Bela da Santíssima Trindade. A respeito da construção de Vila Bela, esses autores ressaltam que:

[...] junto aos Bons e Povo destas minas, numa casa que se armou coberta de toldas no lugar da praça, se fez o ato de criação da vila, levantando-se

também o Pelourinho abrindo o primeiro Pelouro, dando-se aos vereadores e aos Oficiais da Milícia providos por Sua Excelência, João Pereira da Cruz, Capitão Mor,

Francisco de Sales Xavier, Sargento Mor, Antonio Silveira Borges, Capitão, e ao Ajudante João Nunes de Melo. Esperou todo mês de fevereiro e entrando março, e como se observou que o rio com a enchente não vencia o barranco, se puseram editais para se convocar o Povo ao levantamento da vila. (AMADO E ANZAI, 2006, p. 51/52).

Foram sessenta e oito anos de ativa funcionalidade como capital de Mato Grosso e, para garantir a posse dessas terras, a rainha D. Maria Ana de Áustria, recomendou que fosse implementado na vizinhança desta cidade o destacamento da Companhia de Dragões, que era um assentamento militar, para reforçar o perímetro desta metrópole, pois estas terras já faziam parte da fronteira com a Bolívia e por isso havia muitos conflitos entre portugueses e espanhóis. Motivo pelo qual necessitou a presença dos soldados, que além de demonstrar segurança, também aumentava o número de moradores do lugar. É válido ressaltar que a presença dos espanhóis eram uma constante, visto que eles também demonstravam interesse por aquele local, assim os portugueses viviam sempre a espreita a possíveis invasões.

Desde 1752 até 1820, Vila Bela foi capital de Mato Grosso e enquanto capital, os governantes demonstravam interesse por melhorias na cidade, enquanto estavam se beneficiando do garimpo de ouro, porém com ferramentas precárias para uma extração aprofundada o ouro foi ficando escasso e a cidade assolada pelas doenças.

Apesar das lutas e das dificuldades, Vila Bela foi se formando, mas as constantes inundações corroboraram para a decadência da mesma, devastando plantações e, como consequência, diminuindo o fluxo do comércio e atraindo muitas doenças, como ressalta Canova:

Durante as doenças, Antônio Rolim de Moura passava suas dietas à custa de farinha de mandioca, toucinho e feijão, quando por ventura dispunha desses gêneros. O sal também era outro produto que, com recorrência, fazia falta para o tempero e a preservação das carnes. (CANOVA, 2008, p.83)

Notamos que no início as dificuldades eram extremas, apesar da cidade ter sido planejada e as principais construções acompanhadas por seus gestores, surgiram vários contratemplos que fizeram com que os mesmos perdessem o interesse em continuar com

o projeto da cidade capital. Alguns fatores como doenças e a falta de recursos medicinais, economia fraca, e toda precariedade, fez com que muitos moradores buscassem outro lugar para viver.

Além das doenças, a fraca economia interna, também corroborou para o declínio de Vila Bela, com as dificuldades daquela época de colonização, os vilabelenses necessitavam de mercadorias advindas de outras regiões para o sustento de todos, como podemos notar no trecho abaixo:

Em se tratando da economia na vila e seus arredores, viu-se a produção de gêneros básicos para a alimentação dos moradores, tais como a farinha de mandioca, o feijão, o milho e o toucinho. Outros produtos vinham pelas monções do Norte, desde o Pará até o Mato Grosso, ou da monção do sul. As primeiras saíam do Grão-Pará e aportavam em Vila Bela, via caminho fluvial, Madeira-Mamoré-Guaporé. À Vila chegavam o sal, o vinho, o azeite, os instrumentos de trabalho, as manufaturas, os tecidos, os escravos e outros gêneros alimentícios. (CANOVA, 2008, p.84).

Com o desenvolvimento da colonização, o meio de transporte mais viável eram as embarcações, porém essas, passaram a ser ineficientes, um dos fatores que contribuíram para que os senhores de engenho abandonassem suas terras, deixando-as para os escravos que assim povoaram essa cidade.

Em meados de 1820, houve também uma escassez na extração do ouro, motivo para que os governantes fossem para Cuiabá e aos poucos levaram os principais órgãos institucionais para essa cidade, como o Palácio do Governo, a Casa de fundição, entre outros. Um ano após essas mudanças, transferiram a nomeação da capital para Cuiabá.

Diante de tais dificuldades, a capital foi transferida para Cuiabá, onde o fluxo comercial era mais intenso, assim a cidade de Vila Bela foi abandonada por seus governantes que deixaram para trás casas, estabelecimentos comerciais e muitos escravos. E assim, os escravos deixados, foram os que reergueram a cidade, eles uniram suas forças e enaltecera sua cultura e sua crença leal às suas memórias.

Assim grande parte da população branca ligadas à sociedade administrativa daquela época mudou-se para Cuiabá e deixaram para trás os afrodescendentes que até hoje vivem em Vila Bela. Dentre estes, as famílias que garantiram a permanência da

cidade e se destacaram em relação ao meio social foram: Profeta da Cruz, Leite Ribeiro, Fernandes Leite e Ferreira Coelho.

I.I. Os Afrodescendentes

A sobrevivência dos afrodescendentes em Vila Bela foram a duras penas, faltava de tudo um pouco: a alimentação, remédios, enfim, o essencial para a sobrevivência, pois, a medicina era algo que ficava nas mãos de benzedoras e dos mais velhos que tinham o conhecimento de ervas medicinais que a natureza oferecia. E ainda tinham que conviver com os forasteiros que vinham pretensos a tomar posse das terras, como ressalta Lima:

Vila Bela foi palco da manifestação dos "grilos" (posse ilegal da terra). Até então, a terra era comunitária, era coletiva, era de quem nela trabalhasse. Os migrantes, que se dirigiam para o novo "eldorado", se dirigiam com o afã da prosperidade, da ganância. Isso fez com que enormes áreas fossem invadidas de forma ilegal, às custas da violência. (LIMA, 2000, p.32).

Notamos que foram muitas as batalhas travadas para subsistência desse povo, lutaram bravamente para pertencerem àquele local. É válido ressaltar que os escravos habitantes de Vila Bela eram trazidos do Congo ou de Angola, pois segundo alguns historiadores, como: Silva (2006), Bandeira (1988), Machado (2008), entre outros, relatam que a Companhia Grão Pará, era encarregada pelo trajeto que navegavam pelas águas do Rio Madeira Mamoré e passavam pelo Rio Guaporé, como vemos em:

Vila Bela da Santíssima Trindade, desde a sua fundação até o momento em que o meio de transporte mais utilizado foi à navegação fluvial, via rio Guaporé e Madeira Mamoré, até aportar nos portos de Belém do Pará. No auge de Vila Bela da Santíssima Trindade, todas as embarcações que faziam esse trajeto, eram de propriedade da Companhia do Grão-Pará e Maranhão. Ela foi responsável por esse tipo de transporte, entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Belém, de 1755 a 1768. (LIMA, 2000, p. 108).

Ainda segundo a história da colonização dessa região, observamos que os escravos africanos trazidos para o Brasil pela Companhia Grão-Pará, a qual tinha como

rota a cidade de Vila Bela, eram provenientes da região de Guiné ou de Angola, como verificamos em:

No período pombalino o comércio pelo rio Madeira foi um monopólio da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, de onde chegavam escravos da Guiné e de Angola (...). Em 1800, segundo Virgílio Corrêa Filho (1969), havia em Vila Bela 3.900 escravos, de uma população total de 7.105 “almas”, onde apenas 504 eram brancos. Nessa virada de século, 80% da população livre era constituída de pretos e mulatos, que compunham 91% do total da Capitania. (MACHADO,2008, p.54)

Segundo Machado (2008), não podemos precisar os locais de onde foram retirados os negros escravizados no Brasil, visto que:

Os arquivos oficiais sobre a comercialização de escravos trazidos para o Brasil foram queimados em 1891, por determinação do Ministério da Fazenda, e somente através de fontes indiretas de informação, como jornais, podemos ter uma ideia do vulto que tomou essa comercialização. (MACHADO, 2008, p.54).

Então por causa dessa determinação governamental, é impossível definir os lugares provenientes de cada povo, no entanto, de modo amplo, podemos dizer que a população de escravos em Mato Grosso não era muito numerosa, sendo mais homens que mulheres e de origem diversas, ao chegarem da África eram distribuídos para Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e Pará e depois comercializados entre as cidades brasileiras. Notamos que no governo de Rolim de Moura essa prática era muito recorrente, pois a mão de obra escrava era determinante para a fundação das vilas, como destaca Lordelo:

Rolim de Moura ainda expôs neste mesmo documento que o movimento comercial da Vila devia-se aos mineiros, e que as roças localizadas em arraiais distantes eram insuficientes para alimentar a população. Seria, portanto, necessário, para trabalhar nas minas e na agricultura, escravo negro. (LORDELO, 2009, p.4).

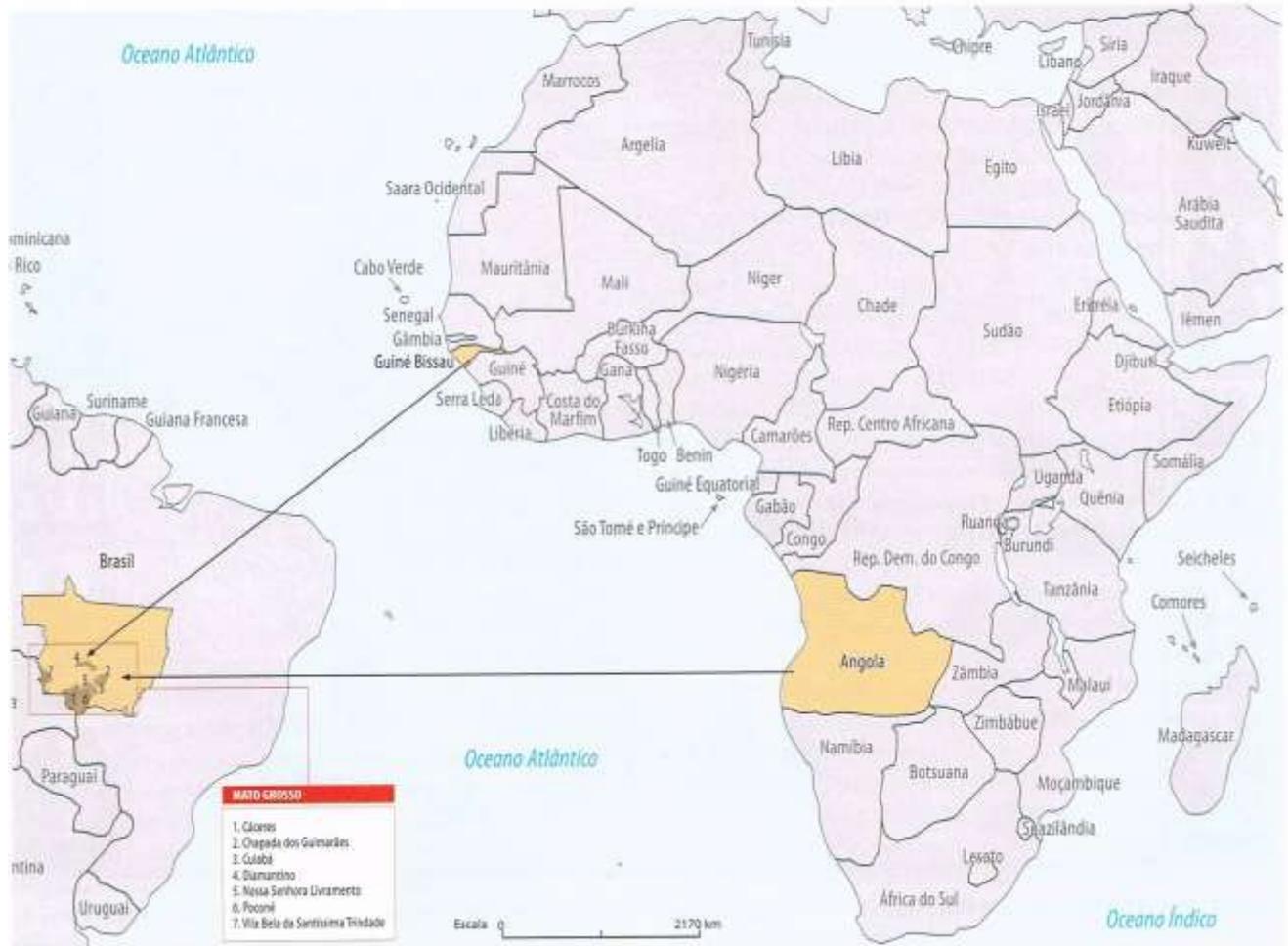
É válido ressaltar que a companhia Grão-Pará foi a grande responsável pela trafegabilidade dos escravos comercializados em Mato grosso, como destaca Lordelo, e

ainda dependendo da região onde eram aportado as negociações eram mais rentáveis. A respeito desse assunto Lordelo, enfatiza que:

Esses escravos podiam chegar na capitania de Mato Grosso tanto vindos das capitanias do Grão-Pará e Maranhão, que abrangiam os atuais estados do Pará, Maranhão, Amazonas, Piauí, Acre, Amapá e parte setentrional de Mato Grosso, navegando pelos rios Madeira - Mamoré - Guaporé, por vias denominadas “monções do norte”, e também pelas “monções do sul”, pelas capitanias de São Paulo, Rio de Janeiro e, ainda, pela capitania da Bahia. Na documentação analisada observamos a diferença dos preços dos escravos negros vindos pela monções do norte daqueles vindos pelas monções do sul. (LORDELO, 2009, p.4).

O mapa abaixo ilustra a origem dos negros vindos da África para o Brasil, e a distribuição dos mesmos pelo Mato Grosso, Machado (2008). As cidades mato-grossenses eram abastecidas pela companhia fluvial, Grão-Pará, tanto com mantimentos quanto com escravos africanos. O mapa também mostra que os negros eram retirados das regiões de Guiné Bissau e Angola e eram distribuídos pelas regiões ribeirinhas de Mato grosso, que incluíam as cidades de Cáceres, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Diamantino, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Vila Bela da Santíssima Trindade. Como é destacado no Mapa, MACHADO (2008, p.56)

Países de origem dos negros que chegaram a Mato Grosso no séculos XVIII e XIX, procedentes de colônias portuguesas na África



Fonte: desenhado sobre base cartográfica atual (Almanaque Abril 2007).

(Almanaque Abril (2007) apud MACHADO,2008, p.56)

Com a decadência da extração de ouro, a morosidade para chegar até a Vila devido à precariedade das estradas, a falta de mantimentos e o ataque de doenças sem recursos medicinais, foram fatores preponderantes que impulsionaram esta antiga capital para seu declínio. Assim a cidade se tornou uma cidade esquecida, deixada pelos governantes da real Coroa Portuguesa, porém, os negros deixados para traz fizeram com que Vila Bela se transformasse, tornando-se um braço de sua terra natal, África, pois a cultura, suas rotinas e costumes estão aflorados em toda a cidade, o que deixa claro a origem do povo Vilabelense.

Apesar das dificuldades, a população da cidade cresceu, tinham um comércio com poucas lojas, mas ganhando espaço pouco a pouco, típico de uma cidade interiorana.

Em relação à saúde, a cidade contava com apenas um médico, e quando a população necessitava de cuidados mais eficazes, buscavam recursos de outras cidades, como em Pontes e Lacerda ou em Cáceres. Ainda hoje, encontram-se famílias que buscam a cura de doenças nas ervas medicinais e em benzedadeiras, métodos que fazem parte da cultura daquele povo, que demonstram muita crença e respeito aos antepassados.

Atualmente, Vila Bela é uma cidade que possui grande potencial turístico, foi a primeira capital do Mato Grosso, possui ruínas de uma catedral do período colonial, é rodeada de lindas cachoeiras e grande parte da população são afrodescendentes.

I.II. Localização e População Atual

A cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade faz parte da região denominada Alto –Guaporé ao sudoeste de Mato Grosso e segundo o IBGE, ocupa uma área de unidade territorial de 13.420.626 km². Geograficamente está localizada em: Coordenadas geográfica. Na Latitude: -15.0042, Longitude: -59.9479 15° 0' 15" Sul, 59° 56' 52" Oeste. A superfície de Vila Bela é de 1.342.099 hectares 13.420,99 km² (5.181,87 sq mi) e a altitude é de 205 m. O clima de Vila Bela da Santíssima Trindade é um clima tropical com estação seca, e segundo Lima:

Quanto ao clima, predomina, no município, o do tipo quente e semiúmido, com dois fatores marcantes: temperatura elevada e a existência de uma estação muito chuvosa e outra de seca prolongada. Cada uma tem a duração aproximada de seis meses. A estação seca vai de maio a outubro e a chuvosa, de novembro a abril. (LIMA, 2000, p.21).

Essa cidade possui clima quente na maior parte do ano, comum às cidades dessa região, com vegetação característica do cerrado contrapondo a uma transição de

vegetação amazônica, por possuir árvores altas como a cerejeira, o Ipê, a Aroeira entre outros.

Nos limites territoriais entre os municípios mato-grossenses, tem-se como vizinhos ao norte, a cidade de Comodoro, a leste, ficam as cidades de Pontes e Lacerda e Nova Lacerda e, ao sul e a oeste, faz-se fronteira com a cidade de San Ignacio de Velasco, em terras bolivianas.

A cidade de Vila Bela situa-se na bacia amazônica, acima do nível do mar a 198 metros e ainda apresenta como localização ponto final de um ramo da BR 174. Seu relevo possui uma extensa área de rochas sedimentares, as quais apresentam robustos chapadões, entre eles, a Chapada dos Parecis, as serras de Santa Barbara, de São Vicente e a serra Ricardo Franco a qual faz divisa com a Bolívia.

As nascentes dos principais rios que compõem a bacia do Guaporé estão localizadas na serra de Santa Barbara, como o rio Alegre, o rio Barbado, o rio Sararé, o rio Capivarí, rio Piolho, Branco e Jatobá, entre outros. É sabido que entre os principais rios da região sudoeste, destaca-se o rio Guaporé que é navegável e desemboca no rio Mamoré já pertencente ao estado de Rondônia.

A cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade apresenta uma população estimada em 15.406 pessoas, segundo o censo do IBGE, 2016, com uma área de 13.420,443 km² e cujo gentílico usado é o vilabelense.

A população vilabelense carrega em sua memória, marcas vivenciadas por seus antepassados, pelo longo período de escravidão do século XVI até o final do século XIX, vivido em todo Brasil. Por essas marcas do passado cada afrodescendente da região recebeu por direito adquirido, um bom pedaço de terra, documentadas e protegido por lei. A cidade apresentava uma população bem restrita sendo que em sua grande maioria eram escravos, como destaca Bandeira:

O primeiro dado quantitativo da população dos arraiais das minas do Mato Grosso data de 1752. Nesse ano, a população era de 2.227 almas, das quais 1.175 escravas. Os 1.052 livres eram em sua maioria mulatos, bastardos e forros, além de índios e brancos. Não chegavam os brancos a 70, dos quais só sete eram casados. (BANDEIRA, 1988, p.51)

Como percebemos a grande maioria populacional de Vila Bela são descendentes de escravos, e apesar das migrações que aconteceram e com o abandono de seus governantes brancos, a população negra prevaleceu, mesmo sendo povoada por pessoas de toda parte que vinham em busca de um pedaço de terras. Assim, houve uma grande miscigenação sem deixar de mencionar a aproximação de índios e espanhóis, da vizinha Bolívia. Sobre o povoamento de Vila Bela, Lima ressalta que:

Entre os anos 60 e 80, do presente século, em função de novos fatores econômicos, ou seja, dos incentivos dados pelo governo federal para a ocupação do interior do Brasil, muitos brancos migraram para a região, provocando mudanças no quadro demográfico. Essas mudanças afetaram também os usos, os costumes, a cultura e a língua. Conforme depoimento de um morador da comunidade, Sr. Zeferino, a população de Vila Bela, hoje, é constituída de mais ou menos 70% de negros. Ele ressalta: *Isso está dessa maneira por causa dos migrantes.* (LIMA, 2000, p.28).

Ao visitarmos a cidade de Vila Bela vemos as marcas da história de um povo, e que a essência dos nativos daquele lugar ainda permanece, com suas danças, sua culinária, suas rezas, enfim toda a cultura evidenciada que vai passando de pai para filho como uma herança muito preciosa e cuidada por todos os vilabelenses.

I.III. Aspectos Linguísticos e Sociolinguísticos

Como é relatado pelos moradores dessa comunidade, na história de Vila Bela ocorreu naturalmente uma mistura lexical que influenciou o cotidiano daquelas pessoas, eram regulados pelos portugueses, vizinhos de fronteira com a Bolívia, domínio espanhol e conviviam com os índios Paresi e Nambiquara, habitantes ancestrais daquelas terras, toda essa mistura pode ter influenciado os vilabelenses lexicalmente.

Para obter dados de fala dos moradores nativos de Vila Bela, fomos campo, pois, ainda não existe banco de dados de fala dessa região, considerada incaracterística, fato esse que dificulta muito o desenrolar de uma pesquisa. Elaboramos algumas estratégias para obter os dados de fala: uma conversa espontânea com nossos consultores nativos, sem causá-los algum constrangimento ou mesmo deixá-los acanhados ao falar, inibindo

assim a fala. Iniciamos com uma conversa informal e em seguida usamos um questionário e um quadro de palavras, em que constava uma sequência de dados que apresentavam segmentos nasais. Inicialmente priorizamos os consultores nascidos em Vila Bela, que tinham idade a partir de 40 anos, com uma média de 20 pessoas entrevistadas.

Ao longo de nossas entrevistas percebemos que independentemente da idade, escolaridade e classe econômica, todos os falantes nativos de Vila Bela demonstram o mesmo traço linguístico, sendo que qualquer visitante logo percebe essa distinção na fala desses moradores, o que nos interessou a pesquisar e verificar se o traço nasal do português brasileiro é recorrente ou não na fala desses moradores.

Do ponto de vista linguístico, há um conjunto de traços fonético/fonológico característicos da variedade do PB falada na baixada cuiabana que se estende até Vila Bela. Ao tratar de alguns desses aspectos linguísticos da variedade falada dessa comunidade, Lima (2000) mostra que:

Um traço linguístico muito presente no falar dos vilabelenses é o *alongamento dos segmentos nasais tônicos*. Ao ouvirmos a fala do povo dessa comunidade, encontramos articulações fônicas que ilustram este traço: **muuuito** [mui::t^u] *A cidade está mui::t^u abandonada*; **caannto** [ka::t^u] *Estamos aqui num ka::t^u du país*; **saannto** [s^e::t^u] *São Benedito é o nosso s^e::t^u*; **praannto** [pr^e::t^u] *O menino chegou em casa num pr^e::t^u só*; **graannde** [gr^e::di] *Ele (São Benedito) é o nosso gr^e::di protetor*; entre outras. (LIMA,2000, p.41).

A partir das características da fala desses moradores investigamos um traço recorrente bastante presente nessa variedade, o traço nasal. Como dissemos anteriormente, objetivamos nesse trabalho, investigar do ponto de vista fonético a realização do glide posterior de base /oN/ que ocorre regularmente como /ãw/, e do ponto de vista fonológico, interessa-nos discutir o *status* que o traço nasal ocupa nessa variedade do português brasileiro e trazer luzes sobre a existência ou não de vogais subjacentemente nasais na língua portuguesa.

Apresentamos a seguir palavras da variedade padrão do PB, cujas vogais seguidas de consoantes nasais se realizam como nasalizadas e na variedade de fala dos moradores de Vila Bela ocorrem de forma oral (lizadas).

Em princípio o que mais chamou nossa atenção foi a realização do glide posterior de base /oN/ que ocorre regularmente como [ãw]. Essas realizações aparecem na fala espontânea daqueles moradores. Podemos citar como exemplo as palavras abaixo:

Dado em glide palatal - /oN/

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
[ba'tẽw]	['ba'to:]	[ba'toN]	Batom

Dado em glide labial - /aN/

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
[kora'sõ:]	[kora'sẽw]	/ko.ra'saN/	Coração

Esses são alguns dados que analisaremos em nossa pesquisa, porém no momento são apenas exemplos de nossa inquietação, em relação à fala desses moradores vilabelenses, que de certa forma, revela uma variedade própria desse povo que apesar dos vários processos de misturas raciais, possivelmente ainda carregam consigo resquícios de suas origens.

Especulações mostram que essa maneira no falar dos moradores das cidades ribeirinhas, como as cidades de Santo Antônio do Leverger, Barão do Melgaço, Nossa Sr.^a do Livramento, Poconé, Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela, entre outras, pode ser influências das línguas dos colonizadores portugueses e dos espanhóis, que participaram do processo de colonização de Mato Grosso.

No início, a colonização de Mato Grosso deu-se através dos meios de navegação, assim aconteceu o povoamento das cidades e como sabemos houve também uma mistura étnica, tais como; portugueses, africanos, indígena e espanhóis. Deste

modo, houve uma mistura de línguas que possivelmente pode ter originado variedades linguísticas parecidas, assim a variedade de fala de Vila Bela assemelha-se as com outras, como por exemplo, a variedade de fala da baixada cuiabana, entre outras.

Entretanto, o foco de nossa pesquisa se atém à Vila Bela e o traço nasal na fala de seus moradores nativos, em especial a vogal central baixa em palavras nasalizadas que na fala desses moradores aparentemente se apresentam oral(izadas). E se esse for o caso, hipoteticamente, não há harmonia nasal. O que indica é totalmente o contrário da harmonia nasal estudada na fonética e fonologia.

A presença de bolivianos é uma constante naquela região, em especial a etnia indígena Chiquitano, visto que existe um grande bairro que divide a cidade de Vila Bela, chamado bairro Aeroporto, onde vivem a maioria dos Chiquitano e alguns afrodescendentes. Como ressalta Portugal (2015):

A parte que mais cresce em termos de construção de moradias é a cidade alta, local onde situa-se o bairro Aeroporto, aliás, único bairro da cidade alta. Ele é composto por um pequeno comércio, supermercado, duas escolas, uma creche, uma pastoral da criança, um posto de saúde, um posto de gasolina, casas, casebres e duas Coabs. A maioria dos moradores do bairro são quilombolas, Chiquitano ou descendentes destes. O bairro parece pertencer à zona rural, quanto mais nos afastamos da sua entrada, as ruas deixam de ser asfaltadas e mais essa impressão é acentuada. Na medida em que vamos nos aproximando das casas dos Chiquitano, a impressão que se tem é a de que não estamos mais na cidade. É lá onde se encontra a maioria dos Chiquitanos. (PORTUGAL, 2015, p.18).

É válido ressaltar que uma numerosa parte do povo indígena, no início do processo civilizatório, era dominado pelos espanhóis, que para tal, adotavam a prática de catequização juntamente com os jesuítas e assim conseguiam uma aproximação com os mesmos. Entretanto, a parte territorial que foi estabelecida a cidade de Vila Bela era defendida e vigiada pelos portugueses, mais especificamente militares e escravos, os quais mais tarde tornaram-se donos da terra. Assim torna-se evidente a grande mistura entre o povo vilabelense em sua maioria negros, com os Chiquitano e demais ameríndios, o que resulta em uma vasta riqueza linguística e cultural. A respeito desse assunto o historiador Silva desta que:

O desenho da capitania de Mato Grosso foi traçado num *território de fronteira* geográfica e cultural. Fronteira geográfica, porque se concretizou no espaço de litígio, primeiramente entre índios e espanhóis, e depois entre este os portugueses e africanos. Nessa espacialidade, referenciada pelos rios Paraguai e Guaporé, *as Coroas portuguesa e espanhola* acirravam suas relações para definir *fronteiras* e assegurar posses. (...) Fronteira cultural porque *o sertão da terra da conquista* era território habitado por diversas *nações de gentios da terra* com suas línguas, seus *modos vivendi*, seu universo cultural. (SILVA, 2014, p.53).

Desta maneira percebemos que as diferenças entre os diversos grupos, que “habitavam essa região, a saber, Payaguas, Bororos, Guaykuru, Xarayés, Pareci, Kayapó, Murá, Guató, Guaná, Nambikuara, Pataquis, Guajarutãs, Mequéns, Pacanauas, Pamas, Curicharas, Amios, Mojo e Chiquitanos habitavam o Sertão” (SILVA, 2014, p.53), pode ter contribuído em algumas práticas rotineiras e o uso de alguns falares da população, pois sabemos que a variação linguística também se dá através do meio no qual estamos inseridos.

Essa variação linguística é ressaltada até hoje nas escolas. Ao tratarmos de educação, notamos que esta era a grande preocupação dos portugueses em relação aos moradores de Vila Bela. No início essa comunicação era feita através de desenhos e peças teatrais, pelas quais negros e indígenas cativos aprendiam as rotinas e costumes da sociedade portuguesa e ensaiavam peças teatrais para apresentarem na rua, com o intuito de influenciar a população e desta maneira formalizar um aprendizado. Para reforçar essa ideia Silva destaca que:

Enquanto espaço público a rua se apresentou como lugar privilegiado para ritualizar em forma festiva os símbolos e signos do poder das autoridades locais e metropolitanas, bem como a teatralização das hierarquias sociais. Para ela convergia a maior quantidade e “*qualidade*” de gente: os mais simples cativos, os homens e mulheres pobres, os mais ricos comerciantes e os mais influentes funcionários régios. Todos faziam uso da rua, numa relação de aprendizagem dos valores morais, políticos e religiosos da cultura em cena. No palco da rua teciam-se as relações e práticas educativas. (SILVA, 2014, p.128).

Podemos entender que esses povos se comunicavam através de gestos, sinais e desenhos que lhes transmitiam alguns conhecimentos e entendimentos dos fatos, pois a diversidade linguística de troncos e família linguística diferentes, não favoreciam a comunicação entre os colonizadores e os colonizados escravos e indígenas.

Os governantes usavam de artifícios para a comunicação, tais como; gestos, imagens desenhadas no chão e esboços em papéis; como foi o caso da planta da cidade de Vila Bela, para se comunicarem com os escravos. Sabemos que além desses tipos de comunicação, existia também a catequização feita pelos padres que acompanhavam essa colonização.

Um outro aspecto relevante nessa história dos vilabelense diz respeito a forma como esses encontraram para evidenciar seus costumes, hoje compreendido como cultura, eles criaram uma irmandade, um tipo de associação, em que se reuniam e cultuavam suas crenças, como afirma Silva:

Como uma associação corporativa, a irmandade era um espaço importante para os negros, uma vez que possibilitava a seus membros manterem-se solidários e ao mesmo tempo organizarem ritos e devoção ao catolicismo, uma religião fundamental no cotidiano do mundo colonial. Por outro lado, os homens pretos e pardos, na América portuguesa usaram os espaços das irmandades como instrumentos importantes para a reconstrução da identificação étnica e integração dos africanos e seus descendentes na sociedade hierarquizada, propiciando aos desintegrados pelo cativeiro a noção de possibilidade de reconstituição da coesão grupal. (SILVA, 2014, p.129).

Vimos neste excerto que a criação destas irmandades propiciou a integração e a continuidade da cultura africana em terras estrangeiras trazidas da África, e assim mantiveram seus hábitos e costumes, mesmos que de forma acanhada, mas encontraram uma maneira de dar continuidade em suas crenças, que perduram até a atualidade.

Sabemos que os negros eram coagidos a obedecerem seus senhores e mesmo assim eles encontravam uma maneira para praticar sua cultura. “Isso era possível, principalmente porque as irmandades cumpriam funções tanto dos interesses dos senhores coloniais como dos cativos, forros e dos negros livres”. (SILVA, 2014, p.130).

Dessa forma, vemos uma heterogeneidade da língua em meio à construção de um conhecimento linguístico que propiciava o desenvolvimento da construção da cidade e de novos saberes, visto que a comunicação era fator preponderante no desenrolar dos projetos de colonização. Sobre a comunicação entre colonizadores e colonizados, a pesquisadora Mariani destaca que:

Com a colonização linguística inevitavelmente há um início de um enorme trabalho da(s) línguas (s), um trabalho que se materializa na prática discursiva marcada por uma heterogeneidade linguística. Pode-se pensar, então, que os sujeitos são tomados por esse trabalho, são tomados pela(s) língua(s), nelas e com elas. É um processo sem controle total (que uma política linguística visa, justamente administrar) fazendo surgirem palavras, deslocarem-se sentidos, modificarem-se sistemas gramaticais, etc. (MARIANI, 2007, p.85).

Em relação a fala dos vilabelenses, algumas vezes, ouvimos algumas palavras diferente das que estamos acostumados a ouvir e que nos chamam a atenção, e em visita a Escola Estadual Verena Leite de Brito, nos deparamos com algumas palavras em um cartaz, que foi trabalhado em um projeto: O Linguajar Vilabelense, coordenado pela profa. de História, Rosa Betânia Veloso Silva de Brito, com seus alunos do ensino fundamental e médio e que segundo ela, essas palavras ainda fazem parte da variedade vilabelense. Segue abaixo algumas dessas palavras:

Gungunar - falar baixo, cochichar	Lambido - pessoa extrovertida, descarado
Boleando – rebolando	Quenta -menina assanhada
Cainha - pão duro	Muxirungo – fuxiqueiro
Martelando – pensando	Caiaeiro – fofoqueiro
Pincha - joga fora	Múqui - força nos braços

Observamos nas palavras apresentadas acima que são palavras nasalizadas, mas quando pronunciadas por um vilabelense nativo, essas principalmente as que possuem vogal central baixa, se tornam provavelmente oralizadas, e sendo este povo possivelmente descendente dos povos de Guiné-Bissau e Angola, como vimos na história da cidade anteriormente, podemos pensar algumas semelhanças fonológicas de fala entre Vila Bela e África.

Couto (1992) em seus estudos sobre a língua crioulo português de Guiné-Bissau, aborda fatos que instigam possibilidades de aproximação da variedade do PB de Vila Bela, nesse sentido o autor enfatiza sobre o crioulo português que:

Toda vogal do português vira uma sequência de vogal oral mais consoante nasal, sob a condição de que a vogal seja nasal. Isso significa que o crioulo extrai a nasalidade das vogais nasais do português fazendo dela uma consoante. E cita como exemplos: [poŋ] ‘pão’ [kanta] ‘cantar’ [joŋ] ‘João’. (COUTO, 1992, p.123).

Visto desta forma, acreditamos na possibilidade de uma aproximação fonológica que se avizinha a nasalização da língua Crioulo de Guiné-Bissau com a fala dos moradores nativos da comunidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.

II. FONÉTICA E FONOLOGIA

A fala é um contínuo que pode ser interpretado em função de segmentos, devido às características articulatórias, acústicas e auditivas e em função de unidades (segmentos) que se sucedem no tempo.
(Luís Carlos Cagliari)

Inicialmente nos estudos linguísticos, estudiosos tentaram conceituar a área da fonética e da fonologia, considerando como uma só, no entanto, autores como, Trubetzkoy, Roman Jakobson entre outros que compunham o Círculo de Praga de 1926, discordaram desses conceitos e complementaram os estudos de Saussure, contrapondo aos antigos estudos nessas áreas, como ressalta Câmara Jr (2008),

Saussure quis no âmbito dos sons prolongar a dicotomia da linguística sincrônica e da linguística diacrônica, que é uma das linhas mestras da sua renovação doutrinária. Aí já encontrou, entretanto, uma tradição de estudos descritivos, estabelecida pelo movimento foneticista que nos fins do século passado se criou à margem da linguística histórico-comparativa (...). (CAMARA JR. 2008.p.15)

Desse modo, o próprio Saussure no início do sec. XX, mostrou que a linguagem evolui, simultaneamente e sucessivamente, ou seja, não há como classificar algo que é passível de mudanças e variações contínuas, pois mesmo “quando imperava aparentemente absoluto o critério histórico, a falha sempre se fez sentir aos linguistas e aos profissionais da fonética”. (CAMARA JR.2008. p.21). E ainda para confirmar o autor ressalta que, “chegava-se assim à conclusão gramaticalmente negativa de que a série sonora é um contínuo e a passagem de um som para o outro uma gradação sutil e sem fronteira nítida”. (CAMARA JR.2008. p.22).

Face ao exposto, não temos pretensão de classificar esses estudos e sim demonstrar algumas de suas potencialidades, que figura em entender a fonética, como o estudo da fala e conseqüentemente a fonologia como o estudo da língua, e assim podemos dizer que, a fonética e fonologia são áreas distintas da linguística, que estudam

os aspectos dos sons. Sendo que a fonética descreve os sons da fala, e a fonologia procura interpretar esses sons de fala, ou seja, estuda os fonemas e sua função na língua, para tanto a fonologia é uma ciência explicativa e interpretativa e a fonética essencialmente é descritiva. Sobre este assunto, para Cagliari;

A Fonética preocupa-se principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Descreve os sons da fala dizendo quais mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala. Enquanto que a fonologia faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los. (CAGLIARI, 2002, p.17/18).

Assim, a fonética cuida da parte de transcrição da fala e a fonologia explica o acontecimento da fala metodicamente, ao descrever todo o processo articulatorio, para que ato da fala seja evidenciado, ou seja, como os sons da língua se manifestam.

Podemos exemplificar esses acontecimentos com a palavra banana, que pode ocorrer a vogal [a] ou [ẽ], na primeira sílaba, sem alterar a definição da palavra, desse modo, nota-se que foneticamente as vogais são as mesmas, mas existe uma variação peculiar, uma diante da outra.

Segundo Cagliari, reconhecer essa possibilidade e ocorrências da língua é trabalho da fonética e explicar seu valor dentro do sistema da língua é tarefa da fonologia, portanto ambas apresentam métodos e técnicas distintas. A respeito dessas duas áreas da linguística, Abaurre destaca,

Na medida em que a fonética utiliza um critério para a seleção de eventos fônicos relevantes para descrição e estudo a sua ocorrência em sistemas linguísticos documentados, ao passo que a fonologia conduz suas investigações sobre as oposições fônicas a partir de traços distintos de base acústica e/ou articulatoria, as duas disciplinas mantêm necessariamente uma forte relação de interdependência e complementaridade. (ABAURRE, p.10, 1993).

Para que uma palavra seja entendida, ela necessita de um significado e um significante, e a esta unidade sonora de constituição da palavra chamamos morfema, que representa o menor signo linguístico possuidor de significado. A junção de uma maior unidade de morfemas ou palavras, chamamos sintagma, que desempenha uma função na frase, chamada função sintática. Cagliari ressalta que: “as frases são formadas por

sintagmas. Na tradição estruturalista, a palavra sintagma refere-se também a qualquer sequência de sons”. (CAGLIARI, 2002, p.22).

Portanto, ao referirmos ao termo sintagma, queremos enfatizar o valor que ele representa dentro da área da fonética e da fonologia. Sendo assim, a escrita não tem a menor importância dentro desta área, o que interessa é o significante, que representa uma unidade oral da língua. Isso nos remete ao eixo paradigmático criado por Saussure, em que podemos substituir palavras da mesma natureza, que pode ou não mudar o significado do sintagma, criando axiomas ou palavras novas, isso dependerá dos padrões entoacionais do enunciado.

Ao tratarmos dos sons que tem como função formar os morfemas, esses são chamados de fonemas, como ressalta Cagliari:

O termo fonema aplica-se apenas aos elementos sonoros que constituem os morfemas. Podemos dizer que os padrões entoacionais, tem uma função fonológica distintiva, mas esses elementos fonéticos não constituem fonemas propriamente ditos. São unidades fonológicas de outra natureza e ordem. Por razões desse tipo, alguns consideram o acento como um fonema (supra segmental) e outros como uma unidade fonológica de outra natureza. Isto mostra que a fonologia não é constituída apenas por fonemas. Há outras unidades de outras natureza que exercem funções específicas, embora estejam intimamente relacionadas com o signo linguístico, com as relações entre significado e significante. (CAGLIARI, 2002, p.24).

Desta maneira, para detectar o valor fonológico de um sintagma precisamos entender que existem funções distintivas e opositivas, que nos auxiliam no levantamento de dados, que podem evidenciar os sons dos fonemas em uma língua ou seu valor fonológico.

È necessário dizer que existem as variantes nas falas, assim quando em uma mesma palavra ouvimos sons diferentes, a essa variação do som chamamos alofones, que ocorre quando uma substituição de um som por outro similar é evidenciado e o significado da palavra em questão não é influenciado. Eles são responsáveis pelo sotaque da língua, como exemplo, maneira mais ampla, a fala do português de Portugal ao do português brasileiro. Essas diferenças no som de uma mesma palavra se configura em alofones.

Os fonemas são de suma importância para análise da fala, portanto é necessário fazer um levantamento de quais sons estão em oposição fonológica, é nessa etapa que precisamos fazer uma lista com pares de palavras, os chamados pares suspeitos, e analisarmos suas propriedades fonéticas, como ressalta Cagliari:

Para se fazer o levantamento de quais sons são fonemas numa língua, é preciso saber quais sons estão em oposição fonológica. De acordo com os princípios de equalização em função de maior facilidade de pronuncia e de maior diferenciação em função da melhor percepção da fala. (CAGLIARI, 2002, p.33).

A partir dessas percepções do autor, identificamos com maior viabilidade os fonemas de uma língua. Entretanto, atentamo-nos as demais investigações pertinentes para realização de uma análise, tal como a investigação a partir de pares mínimos, que são duas palavras que possuem um ambiente comum, porém, com uma troca de som por outro que distingue um significado próprio de cada palavra, o contrário disso não é par mínimo.

Quando a palavra não apresenta uma mudança em seu significado será apenas uma variação morfológica e não um par mínimo. Podemos citar como exemplo de par mínimo: (Bata/pata), o ambiente comum é a sílaba, (ata) e [b] e [p], são sons foneticamente semelhantes. Verificamos que os significados das palavras são diferentes, porém os sons são semelhantes, ou seja, possuem um ambiente comum.

Outros fatores preponderantes para uma análise fonológica são os pares análogos e a distribuição complementar. Sobre os pares análogos, dizemos que esses apresentam um ambiente idêntico para os sons foneticamente semelhantes, mas sem formar par mínimo. Como exemplo Cagliari (2002), afirma que:

No caso das palavras ave e avô, não faz sentido dizer que, pelo fato de o acento cair sobre o [a] da palavra ave, essa palavra precisa acabar em [I] e, pela razão de o acento cair no [o] da palavra avô, essa palavra precisa acabar em [o]. Estes exemplos formam pares análogos com sons foneticamente semelhantes. Como não há razão de condicionamento, pode-se dizer que o [I] e o [o] são alofones de dois fonemas distintos. (CAGLIARI, 2002, p.37).

Então, podemos identificar a ocorrência de um fonema na palavra que é diferente nos demais ambientes e analisar os pares suspeitos das vogais e das consoantes de maneira distinta, como acontece com os pares análogos, se não são pares mínimos podem ser considerados pares análogos.

Já na distribuição complementar que se dá quando a realização de um fonema ocorre em contexto diferente, dependerá do contexto para que ocorra variação deste fonema, dessa forma, no contexto que ocorre uma variante de fonema, na maioria das vezes, não ocorrerá outra, desta feita variam os elementos e os contextos.

Entendemos que para a realização de uma análise fonológica precisamos nos atentar aos pressupostos acima citados e levar em consideração as classificações de cada fonema e suas possíveis variações, as chamadas variação livre, pois a fala nunca é estanque e podemos nos deparar com inúmeras possibilidades eventuais da linguagem.

Tem-se indícios que estudos fonológicos iniciaram-se com filósofos gregos do século V a.c., desde então, já se ouviam notícias sobre a caracterização dos sons da linguagem humana. Como ressalta Abaurre (1981) sobre os filósofos estoico;

(...)a linguagem humana teria se desenvolvido a partir de um conjunto de nomes, cuja forma sonora seria naturalmente motivada”. E ainda a autora destaca que, “para esses filósofos, não apenas a forma de inteiras palavras poderá revelar um vínculo natural com a realidade, essa conexão estaria também indiciada por determinados sons de outras palavras.” (ABAURRE,1981, p.42).

Os estudos fonológicos vêm de longa data, porém sua aplicabilidade somente se deu a partir dos estudos de Saussure, que se destacou como uma *disciplina autônoma, distinta da fonética em seu objeto e métodos*.

É válido ressaltar que a Associação Fonética Internacional (AFI) em português e em inglês é conhecido como Internacional Phonetic Association (IPA), criaram o alfabeto fonético com o intuito de formalizar e normalizar a transcrição fonética das línguas do mundo, esse alfabeto consiste em um sistema de símbolos, com objetivo de representar foneticamente as palavras de qualquer idioma.

Esse alfabeto é composto por 157 caracteres, entre símbolos e letras, sendo 12 são vogais, foi reformulado em 2005 em virtude dos avanços nos estudos. Assim, nos valem os

desse Alfabeto Fonético Internacional (IPA) de 2005, que nos guiará nas descrições fonéticas de nossa pesquisa e pode ser encontrado facilmente em site virtuais ou livros relacionados à fonética.

II.I. Assimilação e Dissimilação

Passemos aos processos fonológicos de assimilação e dissimilação, que são as alterações sonoras sofridas nas formas básicas dos morfemas, quando se combinam para formar a palavra, nos pautamos nesses processos fonológicos, a fim de mostrar como acontece o processo de assimilação do traço nasal, assunto principal dessa pesquisa, e muito frequente nas variedades do português brasileiro, porém na variedade de fala de Vila Bela, aparentemente esse processo de nasalização não acontece.

A assimilação é uma das práticas fonológicas mais circulares nas línguas do mundo, segundo Crystal (2008), ela acontece através da influência exercida por um segmento de som sobre a articulação de outro, de modo que os sons se tornem mais parecidos ou idênticos. O estudo da assimilação (e seu oposto, dissimilação) é uma parte importante dos estudos linguísticos históricos, mas também, é um aspecto muito negligenciado da análise de fala sincrônica, devido à maneira tradicional de ver o discurso como uma sequência de palavras discretas.

Se alguém imagina que o discurso seja falado "uma palavra por vez", com pausas correspondentes aos espaços da linguagem escrita, há poucas chances de que as assimilações (ou processos assimilatórios) e outras características da fala conectada sejam notadas. Quando as passagens da conversa natural passaram a ser analisadas a assimilação surgiu como sendo um dos principais meios de fluidez e ritmo.

Já o seu efeito oposto a dissimilação é um termo usado em fonética e fonologia para se referir a influência exercida por um segmento de som sobre a articulação de outro, de modo que os sons se tornem menos parecidos ou diferentes. Tais mudanças foram notadas, principalmente, em estudos linguísticos históricos, nos quais os efeitos se manifestaram durante um longo período de tempo. (Por exemplo, pelegino do latim peregrino, com o primeiro r 'dissimilando' para l), mas dissimilações sincrônicas também são possíveis, como quando evitamos uma sequência de sons idênticos (como a dificuldade de pronuncia dos trava-línguas). Bem como o efeito oposto a assimilação é

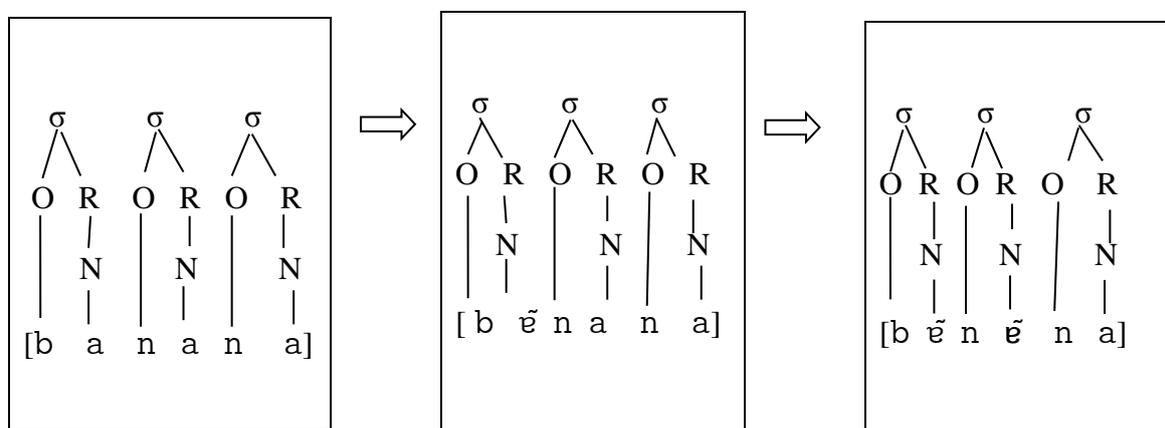
possível classificar as dissimilações em tipos, com base no lugar, grau e direção das mudanças envolvidas.

Quintino (2012), afirma que a assimilação pode ser sincrônica, sendo um processo ativo em uma dada língua em um determinado ponto no tempo ou diacrônica sendo um processo histórico de mudança sonora. Um processo fonológico relacionado à assimilação é a co-articulação em que um segmento influencia um outro para produzir uma variação alofônica, por exemplo; uma vogal que adquire o traço nasal antes de uma consoante nasal, quando o véu palatino abaixa antecipadamente.

Nessa perspectiva, Quintino (2012 apud Crowley 1997) diz que os mecanismos fisiológicos ou psicológicos de co-articulação são desconhecidos, embora quase sempre assumimos que um segmento engatilha uma mudança assimilatória em outro segmento.

Temos como exemplo o segmento \bẽnẽna\ que sofre o processo assimilatório como está representada arboreamente logo abaixo:

/banana/ forma de base



Como mostra o dado acima o processo de assimilação do traço nasal tem uma direção da direita para esquerda, de forma que a última consoante nasal em onset espalha seu traço nasal para a vogal anterior, tornando-a nasalizada, e o onset da segunda sílaba nasaliza a vogal do núcleo da primeira sílaba.

~

Conforme Cagliari (2002), “a assimilação ocorre quando um som torna-se mais semelhante a outro, que mais está próximo, adquirindo uma propriedade fonética que ele não tinha”. (Cagliari.2002, p.99).

Ainda segundo Quintino (2012), na assimilação, no padrão fonológico da língua, há diferentes estilos de discurso e diferentes registros, esses são alguns dos fatores que contribuem para as mudanças observadas. Existem três configurações encontradas nas assimilações: o aumento na semelhança fonética que pode ser entre segmentos adjacentes, segmentos separados por um ou mais segmentos intermediários e as mudanças que podem fazer referências a um segmento anterior ou ao seguinte. Embora em todas as configurações ocorrem as mudanças em relação ao segmento adjacente e fazem referências a praticamente todas as alterações assimilatórias.

Segundo Quintino (idem), as assimilações entre segmentos adjacentes são mais frequentes do que aquelas entre segmentos não-adjacentes. Essas assimetrias radicais podem oferecer pistas sobre os mecanismos envolvidos, que não são óbvias. Se um som muda com referência a um segmento seguinte, tradicionalmente é chamado de "assimilação regressiva"; alterações com referência a um segmento anterior são tradicionalmente chamadas "progressivas".

Muitos pesquisadores acham estes termos confusos, na medida em que eles parecem significar o contrário do sentido pretendido. Por conseguinte, uma variedade de termos alternativos surgiram, embora nenhum deles parecem evitar o problema dos termos tradicionais.

Quintino(2012), explica que a assimilação regressiva é também conhecida como assimilação da direita para a esquerda, à esquerda ou antecipatória. Assimilação progressiva é também conhecido como assimilação da esquerda para a direita ou progressiva. Muito ocasionalmente dois sons, invariavelmente adjacentes, podem influenciar um ao outro na assimilação recíproca.

Quando essa alteração resulta em um único segmento com algumas das características de ambos os componentes é conhecido como coalescência ou fusão. Alguns linguistas distinguem entre assimilação completa e parcial; ou seja, entre as alterações assimilatórias em que ainda há alguma diferença fonética entre os segmentos envolvidos e aqueles em que todas as diferenças são obliteradas. O autor destaca que as línguas tonais podem apresentar assimilação de Tom (um *laut* tonal, em efeito), da mesma forma, as línguas de sinais também

apresentam assimilação quando as características de determinados gestos vizinhos podem ser misturadas.

A assimilação regressiva de um segmento contíguo é o tipo mais comum de assimilação, e normalmente tem o caráter de uma mudança sonora condicionada, ou seja, ela se aplica a todo o léxico. Por exemplo, em português, o ponto de articulação para consoantes nasais em Coda assimila o ponto de articulação da consoante seguintes, por exemplo, *bambo*, *bando* e *banco* em português.

Quintino (2012 apud Crowley 1997), para afirmar que, a assimilação regressiva a distância, são raras e geralmente apenas um acidente na história de uma palavra específica, por exemplo, no francês antigo *cercher* "para pesquisar" /ser.tʃer/ > francês moderno *chercher* /ʃɛʁ.ʃe/.

No entanto, as assimilações diversificadas e comuns conhecidas como um *laut*, em que a realização fonética de uma vogal é influenciada pela realização fonética de uma outra vogal da sílaba seguinte, são comuns e estão de acordo com a natureza das leis sonoras. Essas alterações são abundantes nas histórias das línguas naturais. E a assimilação regressiva para um segmento contíguo é razoavelmente comum, e muitas vezes tem a natureza de uma boa lei sonora.

No âmbito da linguística histórica, a dissimilação tem sido descrita como um fenômeno pelo qual os sons consonantais ou vocálicos similares em uma determinada palavra tornam-se menos semelhantes.

Sabemos que existem várias hipóteses sobre a causa da dissimilação, assim Ohala (1990 in Quintino 2012), destaca que os ouvintes são confundidos por sons que têm efeitos acústicos de longa distância. Por exemplo, no caso do inglês /r/, a rotacização se espalha em grande parte da palavra, ou seja, na fala rápida muitas vezes as vogais podem soar como se tivessem um /r/ entre elas e pode ser difícil dizer se uma palavra tem uma ou duas fontes de rótico. Quando há duas, um ouvinte pode interpretar erroneamente um como um efeito acústico do outro e assim mentalmente filtrá-lo fora.

Conforme Crowley (1997 apud Quintino 2012), esta fatoraçoão de efeito coarticulatório tem sido replicado experimentalmente. Por exemplo, do grego *pakhu-* (παχυ-) "espessa" deriva de uma anterior * *phakhu-*. Quando informantes de teste são solicitados dizer o **phakhu*, num discurso casual, a aspiração de duas consoantes permeia as duas sílabas,

tornando as vogais sussurradas. Os ouvintes percebem um único efeito, vogais vozeadas sussurradas e atribuem a uma em vez de ambas as consoantes, supondo que o sussurro na outra sílaba seja um efeito coarticulatório de longa distância, assim, replicando a mudança histórica na palavra grega.

Se Ohala (1990 apud Quintino 2012) estiver correto, poderia se esperar encontrar dissimilação em outras línguas com outros sons que frequentemente causam efeitos de longas distâncias, como a nasalização e faringalização. Para Quintino (2012), a dissimilação, assim como a assimilação, pode envolver uma mudança na pronúncia relativa a um segmento que é adjacente ao segmento afetado ou à distância e pode envolver uma mudança relativa ao segmento anterior ou seguinte.

Quintino(idem), ressalta que a dissimilação regressiva é muito mais comum do que dissimilação progressiva, mas ao contrário da assimilação, a maioria das dissimilações são acionadas por segmentos não contíguos. Além disso, enquanto muitos tipos de assimilação tem um caráter de uma lei sonora, poucas dissimilações o tem, a maioria são de natureza acidental que ocorre com um item específico do léxico.

II.II. Hierarquia de Nasalidade

Abordaremos sobre hierarquia de nasalidade com a intenção de esclarecimento sobre esse tema, tão importante para nossa pesquisa, pois foi a partir dos estudos do processo fonológico de nasalidade que percebemos o acontecimento fonético, e que analisaremos na fala dos vilabelenses, isso nos instigou a pesquisar a fala dos moradores de Vila Bela, e por essa razão o traço nasal é de suma importância para explanação sobre os dados coletados para nossa pesquisa.

Segundo Quintino (2012), o traço nasal é um ação que se dá com a propriedade de ter o véu palatino abaixado na produção de um segmento que pode se superficializar como uma propriedade não apenas de um segmento, mas de uma sequência de segmentos nas palavras de uma língua. E ainda segundo esse pesquisador isso acontece quando um segmento subjacentemente nasal, que pode ser uma consoante fonêmica nasal ou uma vogal nasal, aciona a nasalização de uma cadeia de segmentos adjacentes de forma previsível e

fonologizável. Assim acontece a nasalização que também recebe outros nomes tais como: harmonia nasal, espriamento, espalhamento e propagação de traço nasal.

Walker (1998 apud Quintino (op.cit) afirmam que os segmentos alvos são os que sofrem a nasalidade, segmentos bloqueadores são os que permanecem orais e bloqueiam a nasalidade e segmentos transparentes são os que continuam orais e não bloqueiam a nasalização dos outros segmentos.

Existem línguas que dividem seus segmentos apenas em bloqueadores e alvos com variação limitada a esses conjuntos de segmentos. Quintino (op.cit), afirma que essa limitação se dá pelo fato de que os conjuntos de bloqueadores sempre incluirá as oclusivas obstruintes, porém deve haver uma língua em que as oclusivas obstruintes irão pertencer ao conjunto dos alvos e sofrer espalhamento nasal, como o que acontece na língua que apresenta o traço nasal em posição de Coda. Isto constitui a base para o argumento de que, sistemas com bloqueio e sistemas com segmentos transparentes são tipos básicos, em que os segmentos são agrupados no conjunto de bloqueadores ou no conjunto de alvos.

Walker (1998 in Quintino 2012) afirma que, se ocorresse ao contrário, o relacionamento complementar entre os sistemas seria meramente accidental. A variação em harmonia nasal deve aderir um desses segmentos.

Vários outros pesquisadores discutem a respeito desses segmentos, nessa perspectiva de Quintino (op.cit) e destaca Walker (op.cit), que afirma que a variação, nos conjuntos de alvos e bloqueadores supralaringais em harmonia nasal, obedece a uma hierarquia implicacional em que para cada divisão, marcado por um rotulo numérico, todos os segmentos da esquerda serão alvos e todos os segmentos da direita serão bloqueadores.

Quintino (2012), exemplifica a hierarquia implicacional de nasalização: (WALKER apud QUINTINO, 2012, p.168):

Vogais Glides Líquidas Fricativas Oclusivas Obstruintes
 alta < -----> baixa
 Compatibilidade com nasalização

Walker (1998 apud Quintino op.cit) toma o fato de que oclusivas vozeadas se padronizam com as obstruintes no bloqueio da propagação nasal através de morfemas como uma evidência forte de que quando orais elas são de fato obstruintes. Este efeito de bloqueio seria totalmente inesperado se oclusivas vozeadas orais fossem postuladas subjacentemente como soantes orais, em vez de obstruintes.

Notamos que o [m] e o [n], fazem parte da classe das obstruintes sonorantes, e são as mais compatíveis com a nasalização, sendo assim essas consoantes não poderiam bloquear o espalhamento nasal quando segmentos menos compatíveis, como os glides e as líquidas sofrem a nasalização. Por outro lado, oclusivas obstruintes estão na posição mais baixa na escala de compatibilidade com nasalização, assim eles só devem sofrer nasalização quando todos os segmentos que são mais compatíveis, também sofrerem. A respeito do segmento nasal, Walker (1998:67 in Quintino (2012), traz uma versão condensada de seu banco de dados referentes à harmonia nasal, nas línguas do mundo. A partir do comportamento dos segmentos em harmonia nasal e focalizando os segmentos-alvo, Walker (op.cit) classifica as línguas do mundo, como pertencentes a um dos cinco tipos básicos, abaixo relacionados:

- (i) línguas em que apenas vogais e glotais são alvos;
- (ii) línguas em que vogais, glotais e glides são alvos;
- (iii) línguas em que vogais, glotais, glides e líquidas são alvos;
- (iv) línguas em que vogais, glotais, glides, líquidas e fricativas são alvos;
- (v) línguas em que todas as classes de segmentos se comportam como alvos.
(WALKER(1998:67) apud QUINTINO p. 170)

Segundo Walker (1998 apud Quintino 2012) a nasalização de vocoides (e glotais) é um dos padrões mais comuns, com concentrações de línguas no Pacífico (família austronésia), Índia (família indo-iraniano) e América do Sul e Central.

A categoria com os membros menos compatíveis é aquele no qual nasalização se espalha pelas soantes e fricativas mas, é bloqueada por oclusivas obstruintes. Isto sugere que se a força da harmonia nasal é forte o suficiente para se espalhar através de fricativas, geralmente é forte o suficiente para se ter oclusivas como alvos também.

O mesmo autor, destaca que a respeito de padrões de harmonia nasal, há um espalhamento nasal, através de quaisquer segmentos glotais em diferentes línguas. Por outro lado, o padrão de segmentos glotais em algumas línguas sugere que eles podem, às vezes, ser

fonologicamente classificados como obstruintes, ou seja, como [-oclusiva] segmentos que são incompatíveis com a nasalização.

O problema da perceptibilidade é bastante claro: porque se não há interrupção completa do ar atrás do véu e da glote, não pode haver nenhum fluxo de ar nasal durante uma oclusiva glotal. E ainda segundo esse pesquisador, mesmo que a oclusiva glotal possa ser 'nasalizada' por ser produzida com um menor abaixamento do véu, não vai haver nenhuma sinalização acústica durante a própria oclusão por si para sinalizar a nasalização. E ainda enfatiza que, enquanto as glotais mais comumente se padronizam com os segmentos vocálicos em termos de sua tendência a sofrer a nasalização, outros fatores podem entrar em jogo, como a classificação fonológica desses segmentos como obstruintes ou talvez a percepção da nasalização.

A hierarquia implicacional é um bom indicador da probabilidade de segmentos se submeterem à nasalização, mas o banco de dados de harmonia nasal indica que, outros fatores também podem contribuir para padrões de nasalização. Um fator segundo Walker (1998) é a exigência de manter contrastes perceptíveis.

Segundo Quintino (op.cit.) a nasalização tende a obscurecer a percepção de contrastes de altura de vogal, evidenciado, por exemplo, pela generalização universal de que o número de vogais nasais numa língua, nunca excede o número de vogais orais, como afirmam Ruhlen (1975, et.al. apud Quintino 2012).

A demanda para preservar os contrastes de altura de vogal pode contribuir para efeitos de bloqueio no espalhamento nasal. Em sua pesquisa Quintino (op.cit.) aborda sobre exemplos apresentados por Walker (op.cit.) que, ocorre no dialeto Applecross do gaélico escocês. Gaélico escocês tem quatro alturas de vogal em suas vogais orais (alto, meio alto, meio baixo, baixo) e três alturas de vogal em suas vogais nasais (elevada, meio baixo, baixo); Assim, as vogais meio altas orais [e, C, o] carece de segmentos fonêmicos homólogos nasais.

Esta lacuna que é orientada pelo contraste no inventário de vogal nasal é também recorrente no espalhamento nasal: as vogais meio altas orais sempre bloqueiam a nasalização de uma sílaba adjacente, mas tornam-se nasalizadas as vogais das outras alturas.

Segundo Quintino (2012), a tentativa de manter a altura da vogal perceptível no contrastes supera a demanda da propagação nasal, produzindo o bloqueio de alturas específicas de vogal. Mais geralmente, em um fenômeno muito recorrente de nasalização de

vogais, as consoantes nasais tautosilábicas, é o caso em que, frequentemente, a nasalização é restrita a determinadas alturas de vogal (ver pesquisas de Schourup de 1972, 1973; Beddor, 1983).

O grau de nasalização às vezes pode variar com a altura de vogal. Em Yorubá, por exemplo, há nasalização progressiva das vogais após uma consoante nasal tautosilábica e é descrita como produzindo forte nasalização das vogais altas e baixas, e menor nasalização das vogais [e, _, o, _]. (WARD 1952:13 apud QUINTINO 2012, p.189).

Segundo Quintino, ainda Beddor (1993) observa que as consequências acústicas de nasalização para a percepção da posteridade da vogal não são totalmente claras. Talvez a evidência mais forte para essa interação venha de Wright (1986), que descobre que a nasalização causada em vogais anteriores seja percebida como posteriores mais do que suas contrapartes orais. No entanto, os resultados para as vogais eram menos uniformes com [o] percebida como mais anterior do que [o] e vogais posteriores altas nasais percebidas como posteriores um pouco mais distante do que suas versões orais.

Lindblom (1986 in: Quintino 2012), com base nas conclusões do Hardcastle (1970) e k. Stevens (1968) in: Quintino 2012), sugerem três conjuntos de fatos que dizem respeito a assimetria anterior/posterior no trato vocal:

- (i) articuladores aumentaram a mobilidade em locais anteriores;
- (ii) há um maior fornecimento de estruturas de controle sensorial para a frente da boca, e;(iii) efeitos acústicos-perceptuais parecem ser mais forte na frente do que na parte de trás. (LINDBLOM (1986), HARDCASTLE (1970) e K. STEVENS (1968) apud QUINTINO 2012, p.189)

Lindblom (op.cit.) (Apud Quintino op.cit.) enfatiza que combinando estas observações, especula-se que a assimetria frente/trás pode produzir uma gama mais rica de contraste em vogais produzidas na frente do que aquelas produzidas na parte de trás da boca. Se assim for, então podemos esperar que as vogais da região posterior sejam mais resistentes à nasalização, por causa do efeito de *desfocagem* de nasalização em contrastes de altura.

Embora existam muitos outros autores que contribuam nesta área da fonética a respeito da nasalização, nos detemos nos esboços de Quintino que juntamente com

Walker apresentam de forma clara e precisa alguns esclarecimentos a respeito do assunto.

II.III. A Sílabas no Português

Trataremos da sílaba no português, para mostrar sua constituição a partir das vogais e das consoantes, assim cada um desses elementos ocupa uma posição na sílaba. E como foi dito anteriormente, analisaremos juntamente com a sílaba a ocorrência do traço nasal, e assim, conhecer a formação desse elemento, faz-se necessário para a realização desse processo fonológico.

A sílaba tem como elemento obrigatório as vogais, também chamada de núcleo, sendo que a parte anterior ao núcleo é chamada de onset silábico e a parte posterior ao núcleo é chamada coda silábica.

Isso posto, melhor integra nossa pesquisa, para abordarmos sobre a sílaba e sua constituição na variedade do português brasileiro e ainda na variedade do português vilabelense.

Com os trabalhos como o de Hooper (1976) e Kahn (1976 Apud Collischonn 2001), a sílaba passou a ser aceita como unidade fonológica, e assim tornou-se fonte de muitas pesquisas e se destacou com grande importância em seu desempenho em relação à fonologia das línguas. Os conceitos básicos da estrutura da sílaba estão divididos entre dois respectivamente, o conceito da teoria autosegmental e a teoria métrica, Collischonn, afirma que:

A primeira, formulado em Kahn (1976), está inspirada na notação autosegmental, que pressupõe camadas independentes, uma das quais representa as sílabas (indicadas pela letra σ) às quais estão ligados diretamente os segmentos. (COLLISCHONN,2001, p.91).

A sílaba é propriamente a forma como um fonema de uma língua está organizado, ela mostra como os fonemas se combinam para formar suas unidades, portanto, quem define o nível de combinação dos fonemas é a sílaba. Segundo Mori:

A sílaba é o coração das representações fonológicas, constitui a unidade básica que nos informa acerca de como está organizado o sistema fonológico de uma língua; ela é uma entidade estritamente fonológica, não pode ser confundida com uma unidade da gramática ou da semântica. (MORI, 2006, p.173).

Com os aprofundamentos dos estudos das fonologias não-lineares, a sílaba ocupou sua importância na fonologia, pois antes disso era considerada como traço silábico, e era usado somente para distinguir os segmentos vocálicos dos segmentos consonantais, como na teoria fonológica apresentada por Chomsky e Halle (1968), que não dão muita importância aos estudos da sílaba, nessa teoria a sílaba é simplesmente desconsiderada, como ressalta Mori

Assim as vogais foram tratadas como [+ silábico] e as consoantes como [-silábico]. De acordo com esse critério, as palavras foram vistas como uma sequência de consoantes e vogais. (MORI, 2006, p.174).

Entretanto, com o aparecimento das fonologias não-lineares, a sílaba ocupou posição central na fonologia e vários teóricos abordam sobre esse fato, assim vários modelos teóricos são tratados para exemplificar essa estrutura silábica. Assim a partir das considerações dadas ao constituir uma estrutura silábica fornecerá possibilidades para analisar os traços e assim elimina-los e verificar as características de um segmento e sua posição na estrutura silábica de uma língua. Para confirmar essa sentença, Mori, destaca que:

Eliminado o traço[silábico], veremos que a característica de um segmento como [silábico] ou como não [silábico] dependerá de sua posição na estrutura silábica de uma língua, e não das propriedades inerentes dos segmentos. Por exemplo, o contraste entre vogais altas [i], [u] e os glides [j], [w] não depende mais de traço [silábico], mas de sua posição na estrutura da sílaba. Se esses segmentos ficarem na posição de núcleo serão automaticamente silábicos, se ficarem fora do núcleo serão não-silábicos. (MORI, 2006, p.174).

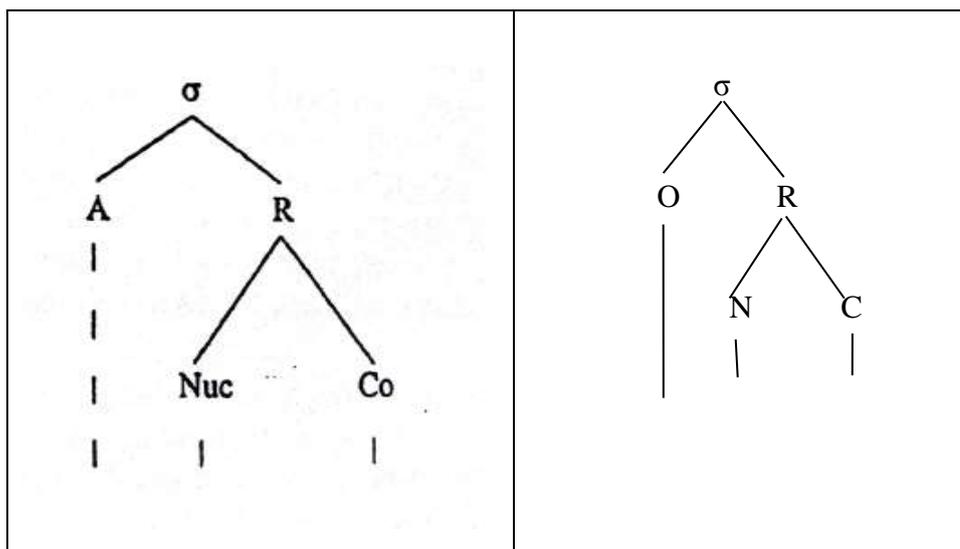
Como podemos observar as línguas variam de acordo com suas estruturas silábicas, assim a representação dessa estrutura é feita através da sílaba, que representa o nível de organização fonológica dos fonemas de uma *língua particular*. Como vimos cada língua possui suas particularidades e por isso apresentam variações, assim também são

suas estruturas silábicas, porém em sua pluralidade, em ressalva com algumas exceções, as línguas do mundo apresentam uma estrutura silábica comum, formada por CV(C), consoante, vogal, consoante, sendo que essa última pode incidir ou não.

Na estrutura silábica as vogais são as principais, ou seja, o centro da sílaba e são nomeadas núcleo, já as consoantes que tem como tarefa acompanhar as vogais, ou núcleo, são nomeadas ataque (ou onset) e coda. Sendo que ataque é a consoante que precede o núcleo e coda é consoante que ocorre após o núcleo. Entretanto não há uma regra restrita para esse segmento, mas a estrutura silábica corresponde a uma construção hierarquizada, como ressalta Mori:

A sílaba estrutura-se em termos de ataque e rima, esta última ramificando-se, por sua vez, em um subconstituente obrigatório, o núcleo, seguido opcionalmente pela coda. Dessa forma a representação da sílaba será como segue: (a letra grega [σ] é para indicar o constituinte sílaba, A para ataque, R para rima, Nuc para núcleo e Co para coda). (MORI, 2006, p.174).

Podemos representar a sílaba através de árvores. Nos modelos logo abaixo, a primeira árvore representa o modelo de Mori e o segundo exemplo, uma árvore comumente usada nos modelos atuais, com algumas alterações quando é usado, O para ataque, R para rima, N para o núcleo e C para coda.



Segundo Mori (2006), as sílabas possuem algumas classificações tipológicas, que podem ser: simples ou complexas, abertas (livres) ou fechadas (travadas). E para determinarmos cada uma é lícito saber que as sílabas simples são as que se constituem apenas por um núcleo, com um fonema vocálico. A sílaba complexa, é aquela que vem antecedida de uma consoante, já a sílaba aberta é a que finaliza em vogal e a fechada finaliza em consoante. Exemplifiquemos com alguns dados do português brasileiro:

[a'tẽ.tu]- A.ten.to = v.cv.cv

['trẽ.zi.tu]- trãn. si.to = ccv. cv.cv

['prɔ.di.gu]- pró.di.go = ccv.cv.cv

[a.'bas.te.ser]- a.bas.te.cer = v.cvc.cv.cvc

É válido ressaltar que para determinarmos o núcleo da sílaba Mori (op.cit.), apoia-se na sonoridade e aí dependerá do grau de sonoridade para classifica-la em sonoridade alta ou baixa, se alta será o núcleo da sílaba e se baixa teremos ataque e coda, que são os segmentos considerados acompanhantes do núcleo.

Entendemos que existe uma classificação para determinarmos a duração de uma sílaba, assim são conhecidas como sílabas pesadas e sílabas leves, tudo dependerá da acentuação ou da tonicidade da sílaba, para reforçar esse assunto Collischonn afirma que:

A constituição da sílaba é fator determinante do peso silábico. Sílabas pesadas são constituídas por mais de um elemento. No entanto, nem todas as sílabas de mais de um elemento são pesadas. Por exemplo, na palavra *Lacrima*, o acento cai na antepenúltima sílaba, mesmo que a penúltima sílaba, cri, tenha três elementos. Já em *peperi* a sílaba per, de três elementos, é pesada. A diferença entre as duas está na sua estrutura interna. (COLLISCHONN, 2001, p.94).

Desse modo, independente dos elementos que compõem uma sílaba, o que determina seu peso será o Onset ou a Coda. Segundo Collischonn (2001), “Rimas constituídas somente por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoantes ou por vogal + vogal (ditongos ou vogal longa) são pesadas”. Então a respeito dos segmentos citados pela autora, o dado [pe.per.ci] se apresenta em onset e a sílaba é leve e se o dado [la.cri.ma] se apresenta em coda, e a sílaba é pesada. Sinteticamente esses são os elementos primários para considerarmos

uma estrutura silábica, seguramente existem outras propriedades e princípios para tal, porém nos deteremos a esses princípios basilares.

II.IV. Os Traços Distintivos.

Os traços distintivos são propriedades mínimas não segmentáveis, de caráter acústico ou articulatorio, que combinam e se diferem em inúmeras maneiras para constituir os sons das línguas. Segundo Chomsky e Halle (1968 apud Bisol 2001), os traços em seu nível fonético são caracterizados como escalas físicas que descrevem aspectos da fala e podem ser tomados independentemente no ponto de vista de produção ou de representação perceptual.

Podemos dizer que nos traços distintivos, cada segmento é composto por um feixe de traços distintivos, os quais distinguem um traço de outro, por exemplo o conjunto de /p/ e /b/ são idênticos, ambos são bilabiais, ambos são anteriores, entre outras classificações, porém o primeiro possui o traço [+ sonoro] e o segundo possui o traço [- sonoro], esses são os traços de sonoridade. E esses traços distintivos alteram o significado e o segmento de um dado, como por exemplo no par mínimo:

$$\begin{pmatrix} \cdot \text{pa.tu} \\ \cdot \text{ba.tu} \end{pmatrix}$$

Assim temos os dados com os mesmo números de segmentos, a mesma posição de sílaba tônica, enfim os dados possuem as mesmas classificações, porém com uma diferença, e é essa única diferença, que altera totalmente o significado da palavra, ou seja a sonoridade que torna esses segmentos em traços distintos. Segundo Câmara Jr.

Esse conceito parte do princípio doutrinário de que no som vocal elementar o que realmente interessa na comunicação linguística é um pequeno número de propriedades articulatórias e acústicas ou traços e não todo o conjunto da emissão fônica. Esses traços, ditos distintivos, são os que servem para distinguir numa língua dada os sons vocais elementares dos outros. (CAMARA Jr.,2015, p.33).

Bisol (op.cit) destaca que a “sonoridade”, é um aspecto que pode ser isolado da fala e que, portanto, é codificado como traço [sonoro]. Os traços possuem função classificatória distintiva que são binários no modelo de Chomsky e Halle (op. cit.), isto é, “cada traço é definido por dois pontos, na escala física, representando um a presença e o outro a ausência da propriedade”. (CHOMSKY e HALLE apud BISOL, 2001, p.17)

Ainda segundo Bisol (2001), temos como exemplo a ‘sonoridade’, que é representada no nível fonológico como: [+sonoro] e [-sonoro], como no português temos o [v] do ponto de vista fonológico é [+sonoro] enquanto que o [f] é [-sonoro]. Mostrando um aspecto na fonética e um aspecto na fonologia.

Bisol (2001:18) afirma que, para Chomsky e Halle, “os traços fonéticos constituem escalas físicas universais, ou seja, um conjunto fixo e restrito, independentemente de qualquer língua”, sendo assim, a totalidade dos traços fonéticos, representa a capacidade de produção de fala do aparato vocal humano.

E ainda Bisol (op.cit) destaca que, “para o linguista e para a criança que está adquirindo uma língua, o fato empírico é o conjunto de representações fonéticas, as quais têm de ser atribuídas representações fonológicas, devendo ser desenvolvido também um conjunto de regras fonológicas que as relacione”.

Bisol (op.cit.) acrescenta que, se não houvesse limites, a tarefa seria impossível, quanto mais restrições houver, mais fácil se torna a tarefa de identificar o sistema da língua. O que torna a classificação dos traços em distintivos ou fonológicos.

Para analisarmos um segmento de traços nos valemos de uma matriz fonológica, apresentada pela autora na qual são classificadas três codificações possíveis: o sinal de [+] indica a presença de determinada propriedade, já o [-] indica a ausência de determinada propriedade e o [0] (zero) indica que a informação é dispensável, ou seja, quando uma informação se torna redundante ela é fornecida por uma regra geral e não se constitui como uma propriedade imprevisível.

As matrizes fonológicas não apresentam necessidade de especificações, pois se apresentam tal como são, já as matrizes fonéticas necessitam inteiramente de serem especificadas. Na verdade, dizem Chomsky e Halle (1968 apud Bisol 2001:19), que “a principal função das regras fonológicas é transformar matrizes fonológicas em matrizes fonéticas plenamente especificadas”.

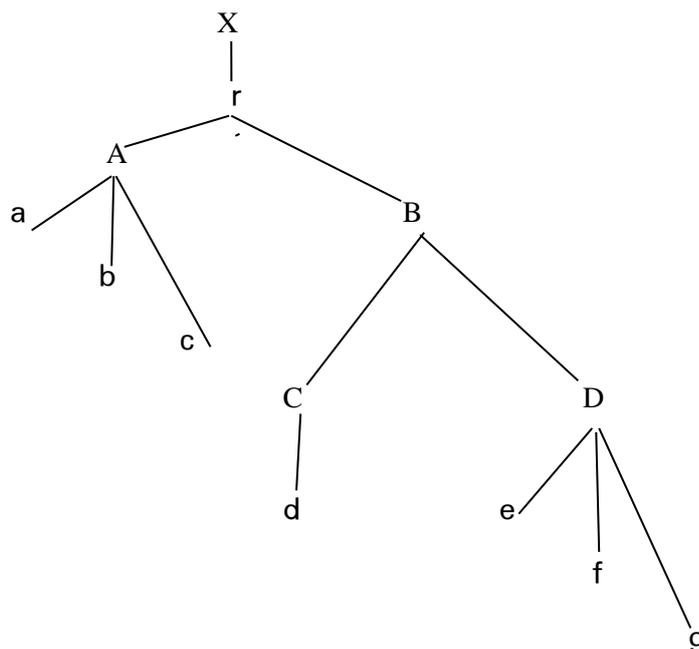
Bisol (2001) nos apresenta um modelo de traços elaborados por Chomsky e Halle (op.cit.) que a partir desse modelo, é possível verificar uma representação de um conjunto de traços e suas classificações, com descrição dos correlatos articulatórios com exemplos que se pode classificar em diferentes línguas do mundo. O traço nasal é outro modelo de traço que se baseia na saída do som pelo nariz, ou como afirma, Câmara Jr. (2015), essa vocalização acontece, “devido ao abaixamento da úvula, no fundo do véu palatino, e estabelecimento de comunicação entre a boca e o nariz”. E sobre esse traço de nasalização trataremos logo mais em nossas análises.

Bisol (op.cit.) apresenta a relevância dos traços distintivos e como unidade de descrição e análise da fonologia das línguas, tem servido como instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos. Assim foi possível verificar a *distância* entre segmentos com base na especificação dos traços compartilhados, possibilitando estabelecer *classes naturais* de segmentos. E ainda pode se constatar que as regras se aplicam a classes de segmentos.

Com adequação, os traços distintivos formalizam as regras e comprovam a sua naturalidade. Bisol (2001) nos orienta sobre as perspectivas da classificação dos traços distintivos, para uma melhor formulação de dados e análise fonológica.

Sobre a geometria de traços, Bisol (2001), destaca que a hierarquia existente entre os traços fonológicos e o fato de que os traços podem ser tanto manipulado isoladamente quanto em conjunto solidários embasados nos conceitos de Clements (1989) e Hume (1995) em sua última versão, que propõe a *geometria de traços*, nos quais os segmentos são representado com uma organização interna a qual se mostra através de configurações de nós *hierarquicamente ordenados*, em que os nós *terminais* são traços fonológicos e os nós *intermediários*, classes de traços.

E para melhor entendimento a autora mostra uma representação arbórea sobre a geometria de traços. (CLEMENTS e HUME, 1995, p.249 apud BISOL, 2001, p. 47.) :



Nesse esboço, podemos verificar que o **r**, representa o nó de raiz, o qual domina todos os outros segmentos. O nó A, B, C e D representam nós de classe, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós C e D são irmãos e ambos dependentes de B. Os nódulos terminais a, b, c, d, e, f, g são traços fonológicos. Os nós são ligados por linhas de associação. (BISOL, 2001, p.47).

Segundo Bisol (op.cit.), a estrutura arbórea que representa a geometria de traços possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos, que ocorrem nas línguas do mundo, isto é, essa estrutura constitui uma única operação, seja de desligamento de uma linha de associação ou de espraiamento de um traço. Consequentemente essa estrutura, apresenta sob o nó de classe, traços que funcionam solidariamente em processos fonológicos.

Bisol (2001) afirma que essa estrutura encontra evidência no funcionamento da fonologia das línguas: a existência de cada nó de classe e a subordinação de traços na estrutura não é aleatória, ou seja, os nós têm razão de existir quando há comprovação de que os traços que estão sob o seu domínio funcionam como uma unidade em regras fonológicas.

III. O Traço Nasal na Variedade do Português Brasileiro Falado em Vila Bela/MT.

*As palavras que se correspondem pela sua posição
avaliamo-las subconscientemente
do ponto de vista da sua equivalência.
(Roman Jakobson)*

Pretendemos do ponto de vista fonológico, investigar o *status* que o traço nasal ocupa na variedade do português brasileiro e trazer luzes sobre a existência ou não de vogais subjacentemente nasais na língua portuguesa. E ainda do ponto de vista fonético, almejamos discutir sobre a realização do glide posterior de base /oN/ que ocorre regularmente como [ãw]. Ou seja, em palavras terminadas em /oN/, em Vila Bela é pronunciado com /ãw/ e em palavras terminadas /ãw/ nessa mesma comunidade é pronunciado com /oN/.

Percebemos que independentemente da idade, escolaridade ou classe econômica, os falantes nativos de Vila Bela, demonstram aparentemente, o mesmo traço linguístico, nos referimos ao traço nasal, sendo que qualquer visitante logo percebe essa diferença na fala desses moradores, priorizamos os consultores nascidos em Vila Bela, obtivemos uma média de 20 pessoas entrevistadas, porém conversamos com muito mais.

Para subsidiar nossa pesquisa, tomemos por base alguns teóricos que discutem assuntos relacionados à fonética e a fonologia em especial sobre a nasalização, geometria de traços e processos fonológicos, tais como: Abaurre (1981 e 1993), Bisol (1998 e 2001), Câmara Jr. (2008 e 2015), Cagliari (1997 e 2002), Piggot (1988), Pike (1968), Quintino (2012), Walker (1998).

O processo de nasalização é um dos assuntos mais pautado em nossa pesquisa, e para reforçar esse assunto, Quintino (2012) destaca que:

Há muito se sabe que o traço [nasal], que corresponde à propriedade de ter o véu palatino abaixado na produção de um segmento, pode se superficializar como uma propriedade não apenas de um segmento mas de uma sequência de segmentos nas palavras de alguma língua. Do ponto de vista descritivo, isso acontece quando um segmento subjacentemente nasal, que pode ser uma consoante fonêmica nasal ou uma vogal nasal, aciona a nasalização de uma cadeia de segmentos adjacente de forma previsível e fonologizável. Este fenômeno é conhecido como espraiamento, espalhamento, propagação do traço nasal ou ainda harmonia nasal. (QUINTINO,2012, p.167)

Entendemos que o traço nasal é tomado como um elemento universal para as línguas existentes que possuem esse traço. E nas variedades do PB (português brasileiro) esse traço também é bastante comum, é uma ocorrência natural nas línguas do mundo, e em Vila Bela, não poderia ser diferente, porém em Vila Bela, principalmente nos segmentos que apresentam a vogal central baixa, a realização nasal aparece com uma intensa suavidade, diferente das outras variedades do PB.

Nas outras variedades do PB não ocorre consoante em coda e a vogal fica nasal, na variedade de Vila Bela não ocorre vogal nasal mas, apresenta consoante em coda. Vejamos o exemplo 1: dado com segmento em ambiente nasal em posição de Coda:

REPRES.FONÉTICA DE VILA BELA	REPRES. FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRES.FONOLÓGICA	REPRES. GRÁFICA
[ʼko ^m pra]	[ʼkõpra]	[ʼkoN.pra]	Compra

Vejamos o exemplo 2: dado com segmento em ambiente nasal em posição de Onset:

REPRES.FONÉTICA DE VILA BELA	REPRES.FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRES. FONOLÓGICA	REPRES.GRÁFICA
1 [a'rame]	[a'rẽmɪ]	/a.'ra.me/	Arame

Notamos no exemplo 1 que a posição da vogal na sílaba é o núcleo, então a parte posterior ao núcleo da esquerda para a direita se constitui coda. Já no exemplo 2 a parte anterior ao núcleo se constitui o onset silábico.

III.I. Dados e Análise de Consoante Nasal em Coda

Percebemos a diferença fonética na fala dos moradores de Vila Bela em relação as outras variedades do português brasileiro, que via de regra tem-se os segmentos com N: [ɲ, ɲ̃, n, m], como regra geral no PB, a consoante N, quando acompanhada da vogal central baixa será nasalizada ou apresenta um espraçamento de nasalidade, como afirma

Câmara Jr. (2015), porém essa regra de ocorrência de nasalidade, aparentemente não acontece na fala dos moradores de Vila Bela. Podemos dizer então que, por motivos outros, essa regra não se aplica na variedade de fala dos moradores de Vila Bela.

Como já foi mostrado por Walker(1998), as línguas do mundo foram classificadas por cinco tipos básicos de harmonia nasal ou espalhamento de nasalidade, segundo a autora caso apareça fatos contrários seria um mero acidente. Quintino (2012) reforça essa ideia em:

Walker menciona por incluir todas as consoantes, inclusive as oclusivas obstruintes, no conjunto de segmentos, pelos quais a nasalização se espalha, ou seja, o conjunto de segmentos que se tornam nasalizados ou são 'ignorados'. Isto constitui a base para o argumento de que sistemas com bloqueio e sistemas com segmentos transparentes são um tipo básico, em que todos os segmentos são agrupados no conjunto de bloqueadores ou no conjunto de alvos. Segundo Walker, se o contrário fosse verdadeiro, o relacionamento complementar entre esses sistemas seria meramente accidental. O mais importante para esse argumento é a ideia de que a variação em harmonia nasal deve aderir a uma hierarquia de segmentos. (WALKER apud QUINTINO, 2012, p.169)

E sobre a hierarquia de segmentos são destacados as possibilidades de harmonia nasal nas línguas do mundo, sobre a harmonia nasal traçada por Walker, vemos os principais alvos que esta comporta, como é enfatizado por Quintino (op.cit.):

Walker (1998:67) traz uma versão condensada de seu banco de dados referentes à harmonia nasal, nas línguas do mundo. A partir do comportamento dos segmentos em harmonia nasal e focalizando os segmentos-alvo, Walker classifica as línguas do mundo, como pertencentes a um dos cinco tipos básicos, abaixo relacionados:(i) línguas em que apenas vogais e glotais são alvos;(ii) línguas em que vogais, glotais e glides são alvos; (iii) línguas em que vogais, glotais, glides e líquidas são alvos; (iv) línguas em que vogais, glotais, glides, líquidas e fricativas são alvos; (v) línguas em que todas as classes de segmentos se comportam como alvos. (WALKER apud QUINTINO, 2012, p.170)

E sobre a harmonia nasal que também tratamos em nossas análises, como veremos nos dados recolhidos para nossa pesquisa, mostram a realização de harmonia nasal, comuns nas outras variedades do Português brasileiro, porém esses mesmos dados são aparentemente oral (izados) na variedade do português de Vila Bela.

Notamos a diferença em relação a vogal central baixa /a/, que é nasalizada nas outras variedades do PB, como por exemplo \´mẽga\, já em Vila Bela esse mesmo dado é pronunciado [´ma^ŋga] e nessa perspectiva a fala dos moradores de Vila Bela destoa da regra, mas se aproxima muito da forma fonológica da língua portuguesa.

Aqui assume-se algumas hipóteses: primeiro a de que no português (PB) não há vogais subjacentes nasais, logo, em segundo lugar, a única fonte de nasalidade é a consoante e por fim, quanto à direção do espalhamento da nasalidade, se apresenta de forma bidirecional, podendo seguir tanto para direita quando para a esquerda.

Via de regra no PB a nasal em posição de coda realiza-se a partir do onset da sílaba seguinte. Como nos exemplos:

[tãtu] e [tãⁿtu] - (existem essas duas possibilidades nas diferentes variedades do PB)

[´kẽpu]

[´kẽga]

Já na variedade do português de Vila Bela temos:

[taⁿtu]

[´ka^mpo]

[´ka^ŋga]

Quando se tem uma coda nasal, essa coda vai ser condicionada pelo onset da sílaba seguinte. Assim o que determina se a articulação do segmento será + dental ou + labial ou + velar, será o onset da sílaba seguinte.

Podemos perceber, através dos dados mostrados nos exemplos acima, a respeito da fala dos nativos de Vila Bela, que o traço nasal não foi espriado pela consoante e não afetou a vogal, mas essa mesma consoante tem uma existência fonética.

De acordo com a hierarquia de nasalização proposta por Walker (1998), para as línguas do mundo, fica evidente que a vogal é o principal imã que atrai a nasalização, desse modo, as vogais são os elementos dentro do sistema de uma língua, propícias a receber o traço nasal. Conforme Câmara Jr. (2015) em português temos as consoantes

nasais: [m, n, ɲ, ŋ]. Há teóricos como Leda Bisol (2001) dentre outros que argumentam que não existem vogais subjacentemente nasais e a única fonte de nasalidade seria a consoante nasal.

No português padrão, das sete vogais orais, temos cinco vogais que podem receber o traço nasal e se realizarem, assim, como nasalizadas, que são [ã,ẽ,ĩ,õ,ũ]. No entanto há ainda pesquisadores como Abaurre (1993), Cagliari (2002), dentre outros que acreditam na existência de vogais subjacentemente nasais. Há assim controversas a respeito das vogais nasais ou nasalizadas no português.

Bisol (2001), Câmara Jr. (2015) e outros, afirmam que não existem vogal subjacentemente nasal na língua, como já dissemos anteriormente e segundo essas correntes fonológicas no português padrão são sete as vogais fonológicas e todas elas são orais. Considerando ainda a existência de cinco vogais nasalizadas, ou seja, que recebe seu traço nasal da consoante que a segue, portanto tem sua realização puramente fonética.

Assim, esses pesquisadores afirmam que no português não existe vogal nasal e sim vogal nasalizada, dessa forma as cinco vogais que podem ser nasalizadas em português são [ã, ẽ, ĩ, õ,ũ] como dissemos acima se tornam nasais por força da consoante nasal, de tal modo que não se pode considera-las como vogais subjacentemente nasais, pois quem as tornam nasais são as consoantes que as acompanham. Assim segundo Câmara Jr. existem três possibilidades para a assimilação de vogais nasais:

Regra 1: Uma vogal será nasalizada obrigatoriamente, se for seguida de N, o qual foneticamente é igual a zero, isto é, não se realiza como uma nasal.

Exemplos:

\kẽNta\ tem que ser [kẽta] canta

\ẽNjĩ\ tem que ser [ẽji] enche

Regra 2: Uma vogal será nasalizada opcionalmente, se ocorrer diante de N, o qual se realiza como uma nasal, segundo as regras estabelecidas anteriormente. Exemplos:

\kɛNta\ pode ser [kẽnta],[kɛnta] canta

\ɛNji\ pode ser [ẽɲji], [ɛɲji] enche [...]

Regra 3: Uma vogal será também nasalizada opcionalmente, no caso de vogais que são seguidas por uma nasal no início da sílaba seguinte dentro de palavras. Exemplos:

<i>venha</i>	[vẽɲa]	ou	[veɲa]
<i>cama</i>	[kẽma]	ou	[kɐma]
<i>pano</i>	[pẽnu]	ou	[pɐnu]
<i>boina</i>	[bõina]	ou	[boina]
<i>calma</i>	[kãũma]	ou	[kauma]

(CAGLIARI, 1981, p.87-88)

Ao retomarmos à fala dos moradores nativos de Vila Bela, nos deparamos com dados que evidenciam a vogal central baixa, como segmento opaco não transparente, enfim bloqueador de nasalidade. Como observamos nas palavras abaixo descritas foneticamente: [kaⁿtu], [saⁿtu], [daⁿsu], [graⁿdʒɪ]

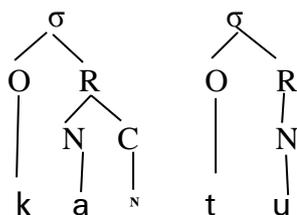
Assim o que está condicionando, o não espriamento do traço nasal é a presença da vogal central baixa, /a/, haja visto, que em todos os outros ambientes a vogal acomoda o traço nasal da consoante em coda. A partir dos dados analisados podemos notar a diferença de uma possibilidade de uso da vogal nasal para oral. Como em:

Português padrão-----fala de Vila Bela-----fonologicamente

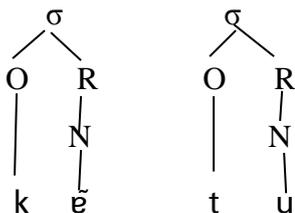
[kẽⁿtu]-----[kaⁿtu]-----\kanto\

Deste modo vemos em uma estrutura arbórea, a representação dessa palavra, foneticamente na variedade de fala dos vilabelense e na variedade do Português brasileiro:

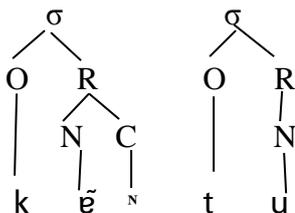
[kaⁿtu]



[kẽtu]



[kẽtu]



A partir das representações acima observamos as diferenças na aplicação das regras fonéticas na fala dos vilabelenses, em especial em segmentos nasalizados comum nas variedades do português brasileiro, porém não tão comum na variedade de fala dos vilabelenses, pois nessa comunidade, esses mesmos segmentos se mantem oral, ou seja, não acontece o espriamento do traço nasal, o que condiciona esse fenômeno é a presença da vogal central baixa.

Podemos dizer que esta vogal é o ponto crucial para efetivar esta regra, ou seja, a vogal núcleo assimila via de regra o traço nasal da coda em todas as variedades do PB, no entanto na variedade de Vila Bela, tal regra não se aplica de forma que a vogal se mantem oral e a consoante nasal tem uma existência fonética.

A respeito da variação livre, ou seja, o mesmo falante pode por várias vezes usar variedades diferentes da mesma língua, no entanto para sociolinguística toda variação tem condicionamento se não for linguístico, pode ser um condicionamento outro, extralinguístico, o que pode determinar a condições para tal funcionamento podem ser fatores econômicos, sociais, educacionais, culturais, psicológicos ou qualquer outra situação, o que em nosso caso não se aplica.

A variedade de fala que estamos discutindo em nossa pesquisa parece se aplicar a grande maioria dos moradores nativos da cidade de Vila Bela, desde os mais velhos aos mais novos. Visto que entrevistamos pessoas acerca de 90 anos e crianças entre 8

anos de idade. Não obstante é válido ressaltar que a fala dos vilabelense se aproxima muito da forma subjacente da língua e em se tratando de nasalização e alçamento são processos que acontecem nessa variedade de fala, mas serão condicionados pela presença de outras variedades do PB.

A seguir apresentamos alguns dados de nossa pesquisa, que tem como base o uso do sistema de transcrição do (IPA), um sistema usado para a transcrição fonética, embasado no alfabeto romano, criado pela (AFI), Associação Internacional de Fonética, e atua como forma de representação padronizada dos sons da fala, de uma dada língua.

A fim de esclarecer essa organização listamos da seguinte forma: da tabela A até a E, estão o conjunto de dados com segmentos em ambiente nasal em posição de Coda, organizados da seguinte maneira:

Na primeira coluna apresentamos o segmento de fala da cidade de Vila Bela, na segunda coluna o segmento de fala da variedade do português brasileiro, na terceira coluna a representação fonológica de cada segmento e na quarta coluna a representação gráfica. As tabelas com ambiente nasal em coda estão organizadas deste modo: A: /p/:/b/), B (/t/:/d/), C (/k/:/g/), D (/s/:/z/), E (/ʃ/: /ʒ/), logo depois apresentamos a tabela F, com segmentos em ambiente nasal em posição de Onset, já na tabela G, apresentamos os segmentos de dados com os glides de base /oN/ e na tabela H os segmentos de glides de base /aN/. A fim de confirmar a relevância de nossa pesquisa, apresentaremos a seguir as análises de alguns dados colhidos, através de gravações por meio de entrevistas, feitas com os moradores nativos de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Entrevistamos entre 20 moradores, com diferentes faixa etárias e constatamos a variação de fala comum a todos os entrevistados, ou seja, a possível ausência de harmonia nasal na fala dos moradores vilabelenses.

Iniciamos nossas apresentações com os dados de análise de primeiro ambiente nasal em posição de coda. A seguir na tabela A:

TABELA :A

A seguir apresentamos um conjunto de dados que atestam o traço nasal da consoante [m] em coda seguido de onset plosivo, (/p/: /b/).

N:[m] Consoante nasal bilabial:

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
1-[ka ^m po]	[kẽpu]	/kaN.po/	Campo
2-[ka ^m bada]	[kẽ'bada]	/kaN.'ba.da/	Cambada
3-[ba ^m bu]	[bẽ'bu]	/.baN.'bu/	Bambu
4-1a ^m pada]	[lẽpada]	/'laN.pa.da/	Lâmpada
5-[ka ^m busɪ]	[kẽ'busɪ]	/'kaN.'bu.sɪ/	Cambuci
6-[ba ^m biar]	[bẽ'biar]	/baN.'bi.ar/	Bambear
7-[ba ^m bole]	[bẽ'bole]	/'baN.bo.le/	Bambolê
8-[ka ^m bju]	[kẽ'bju]	/'kaN.bjo/	Cambio
9-[tra ^m po]	[trẽpu]	/'traN.po/	Trampo
10-[pa ^m peiro]	[pẽpejru]	['paN.peiro]	Pampeiro

Percebemos pelos dados mostrados na primeira coluna, na fala dos nativos de Vila Bela, que o traço nasal não foi espraiado pela consoante e não afetou a vogal, mas essa mesma consoante tem uma existência fonética, assim tem-se: [ka^mpo].

Deste modo o não espraiamento do traço nasal e a consequente realização da consoante nasal em coda é o que nos instiga a investigar a opacidade da vogal central baixa na variedade de Vila Bela. As outras vogais se realizam em ambiente de

consoante nasal, mas a vogal central baixa não, ela funciona nessa variedade do PB em Vila Bela, como um segmento bloqueador, ou seja, é opaco para o traço nasal nessa variedade de fala.

A seguir apresentamos um conjunto de dados que atestam o traço nasal da consoante nasal dental [n] em coda seguido de onset plosivo, (/t/ /d/):

TABELA B – [n]

N:[n] Consoante nasal dental:

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
1-[a'ma ⁿ da]	[a'mēda]	/a.'maN.da/	Amanda
2-['sa ⁿ tu]	['sētu]	/ 'saN.to/	Santo
3-['ba ⁿ dido]	['bēdidu]	/ 'baN.di.do/	Bandido
4-['bã ⁿ da]	['bēda]	/baN.da/	Banda
5-['ta ⁿ tu]	['tētu]	/ 'taN.to/	Tanto
6-['ka ⁿ tu]	['kētu]	/ 'kaN. to/	Canto
7-['ma ⁿ tu]	['mētu]	/ 'maN.to/	Manto
8-[ka ⁿ 'ta ⁿ do]	['kētēdu]	/kaN.'taN. do/	Cantando
9-[ʁo ⁿ 'dew̃]	['ʁōdō]	/ʁoN.'doN/	Rondon
10-['gra ⁿ dzi]	['grēdzi]	/ 'graN.de/	Grande

Assim o traço nasal não é propagado para a vogal na fala dos moradores de Vila Bela, mas mantém um tempo e esse tempo é uma realização fonética nasal da consoante

e obedece a mesma regra do português padrão ou (PB), entre as consoantes apresentadas nas tabelas, tais como: p/b, t/d, k/g, s/z, ʃ/ʒ, os falantes vão usar esses segmentos, e esses segmentos tem uma existência fonética na fala dos vilabelenses. Notamos que, não é passado o traço nasal para a vogal supostamente porque nessa variedade de fala a vogal /a/ está sendo a bloqueadora desse segmento. Porém esse segmento não parece ter uma realização plena, mas se aproxima muito da forma fonológica.

Para consolidar nossa pesquisa apresentamos nas tabelas vários segmentos nasalizados no PB, no entanto observamos que somente acontece esse fenômeno com a vogal central baixa, na fala dos nativos de Vila Bela.

Já no uso das outras vogais (e, i, o, u), os segmentos representados são aparentemente os mesmos tanto para a representação de fala de Vila Bela como para a representação da variedade do PB. Temos como exemplo os dados:

[sẽsu],[ˈbĩgu], [ˈtõtu], [ˈbũda]. Como podemos observar nesses dados temos a mesma representação fonética tanto para Vila Bela quanto para o PB.

Segundo Bisol (2001) a nasalidade das vogais apresenta duas manifestações estruturais, a primeira a “nasalidade pura da vogal” e a outra resulta do contato da vogal com uma consoante nasal adjacente. E essa é a regra para as variedades do PB, como afirma a autora:

É por isso que, para Câmara Jr., vogal nasal é o conjunto de vogal seguida de consoante nasal na mesma sílaba. Ou seja, a nasalização da vogal é “consequência obrigatória em português do travamento da sílaba por uma consoante nasal pós-vocálica”. (...) Câmara Jr., observa que essa consoante nasal é indiferenciada quanto ao ponto de articulação, sendo labial, dental, velar ou palatal de acordo com a consoante que a segue. Estabelece-se, em termos fonéticos, uma relação de homorganicidade entre as consoantes. (CAMARA Jr.(1984) Apud BISOL, 2001, p.163).

E valendo-se destes termos apresentados por Bisol (op.cit) pautada também por Câmara Jr.(op.cit), observamos a diferença na variedade de Vila Bela, pois como estão apresentado nos dados em análise, nessa variedade de fala o traço nasal não foi assimilado, mesmo seguida de uma consoante nasal, assim na variedade do PB de Vila Bela, o traço nasal não apresenta a harmonia de nasalidade comum nas outras variedades do PB.

A seguir apresentamos um conjunto de dados que atestam o traço nasal da consoante nasal velar [ŋ] em coda, seguido de onset plosivo, (/K/:/g/):

TABELA C

N: [ŋ] Consoante nasal velar:

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
1-[ˈka ^ɔ ga]	[ˈkẽga]	/ˈkaN.ga/	Canga
2-[ˈma ^ɔ ga]	[ˈmẽga]	/ˈmaN.ga/	Manga
3-[ˈga ^ɔ ge]	[ˈgẽgi]	/ˈgaN.ge/	Gangue
4-[ˈba ^ɔ ka]	[ˈbẽka]	/ˈbaN.ka/	Banca
5-[ka ^ɔ ˈgaʎa]	[kẽˈgaʎa]	/kaN.ˈga.ʎa/	Cangalha
6-[ba ^ɔ ˈgela]	[bẽˈgela]	/baN.ˈge.la/	Banguela
7-[ˈma ^ɔ ge]	[ˈmãgi]	/ˈmaN.ge /	Mangue
8-[ˈsa ^ɔ gi]	[ˈsẽgi]	/ˈsaN.ge/	Sangue
9-[ˈka ^ɔ guru]	[ˈkẽguru]	/ˈka ^ɔ guru /	Canguru

Como vimos sobre a hierarquia da nasalidade as vogais possuem uma tendência à nasalidade e a vogal central baixa é, dentre as demais, a que mais carrega esse traço, porém na variedade vilabelense acontece uma exceção, pois a vogal central baixa não se realiza como nasal, mesmo em ambientes de extrema nasalidade onde normalmente ela deveria assimilar o traço nasal, isso não se realiza.

Essa ocorrência é frequente para os falantes desta variedade e como essa peculiaridade é fato na fala dos vilabelenses, a vogal central baixa possivelmente estaria

sendo usada em funcionamento da fala para bloquear a nasalidade, que não seria nasal e sim oral, como vemos nos exemplos apresentados.

Apresentamos a seguir um conjunto de dados que atestam o traço nasal da consoante dental [n] em coda seguido de onset plosivo, (/s/:/z/):

TABELA D - [n]

N: [n] Consoante nasal dental:

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
1-[´pa ⁿ sa]	[´pěsa]	/´paN.sa/	Pança
2-[ka ⁿ ˈsaw]	[kěˈsěw]	/kaN.ˈsaw/	Canção
3-[´mata ⁿ sa]	[´matěsa]	/´ma.taN.sa /	Matança
4-[´ma ⁿ sa]	[´měsa]	/´maN.sa/	Mansa
5-[ba ⁿ ˈzε]	[běˈzε]	/baN.ˈzε/	Banzé
6-[ˈla ⁿ ba ⁿ sa]	[ˈlěběsa]	/ˈlaN.baN.sa/	Lambança
7-[baˈla ⁿ sa]	[baˈlěsa]	/ba.ˈlaN.sa /	Balança
8-[aˈma ⁿ sa]	[aˈměsa]	[a.ˈmaN.sa]	Amansa
9-[ka ⁿ ˈsado]	[ˈkěˈsadu]	/ka ⁿ ˈsadu/	Cansado
10-[feʃˈta ⁿ sa]	[feʃˈtěsa]	/feʃ.ˈtaN.sa/	Festança

Notamos, nos dados acima que, a consoante nasal que está sendo explorada é o [n]. E como é discutido por vários pesquisadores já citados em nossa pesquisa, processo de nasalização é característico da língua portuguesa, como afirma Câmara Jr.

A língua portuguesa se caracteriza, entre as línguas românicas, por uma emissão nasal das vogais muitas vezes. Nas demais línguas românicas, o que a fonética apurada registra é uma leve nasalização de uma vogal em contato com uma consoante nasal da sílaba seguinte, no mesmo vocábulo. (CAMARA Jr., 2015, p.47).

Sendo assim seria adequado que os falantes nativos de Vila Bela, assim também correspondessem a essa regra acima citada, e por fato é que a idiossincrasia acontece nessa comunidade de fala. Portanto essa idiossincrasia dá-se pelo fato da vogal central baixa se apresentar oral(izada) na fala dos moradores de Vila Bela.

Apresentamos a seguir um conjunto de dados que atestam o traço nasal da consoante [n] em coda seguido de onset plosivo, (/ʃ/: /ʒ/):

TABELA E - [n]

N: [n] Consoante nasal dental:

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
1-[ka ⁿ ˈdʒika]	[kẽˈʒika]	/kaN. ˈʒi.ka /	Canjica
2-[ˈa ⁿ ʒo]	[ˈẽʒu]	[ˈaN.ʒu]	Anjo
3-[ˈʁa ⁿ ʒo]	[ˈʁẽʒu]	/ˈʁaN.ʒo/	Rancho
4-[ˈga ⁿ ʒo]	[ˈgẽʒu]	/ˈgaN.ʒo/	Gancho
5-[ˈfra ⁿ ʒa]	[ˈfrẽʒa]	/ˈfraN.ʒa/	Franja
6-[ˈta ⁿ ʒerina]	[ˈtẽʒirina]	/ˈtaN.ʒe.ri.na/	Tangerina
7-[ˈba ⁿ ʒo]	[ˈba ⁿ ʒu]	/ˈbaN.ʒo/	Banjo
8-[laˈra ⁿ ʒa]	[laˈrẽʒa]	/la.ˈraN.ʒa/	Laranja
9-[da ⁿ ˈsanu]~[da ⁿ ˈsando]	[dẽˈsẽnu]~[dẽˈsand u]	[daN.ˈsaN.du] ~[daN.ˈsaNdo]	Dançando

10-[kri'a [~] sa]	[kri'ẽsa]	/kri.'aN.sa/	Criança
----------------------------	-----------	--------------	---------

Apresentamos nos dados acima segmentos com ambiente nasal em posição de Coda. E todos os segmentos apresentados que possuem a vogal central baixa, na fala dos moradores nativos de Vila Bela, são foneticamente oral(lizados). Esse é um fenômeno que acontece espontaneamente nessa comunidade, ou seja o não espriamento do traço nasal. Sabemos que a propagação do traço nasal é comum nas variedades do português brasileiro, porém nessa comunidade de fala em análise esse fato não ocorre.

Segundo Walker (1998) apud Quintino (2012), nas línguas do mundo, a vogal central baixa é a que mais atrai o traço nasal e no PB esse fato não é diferente. Assim a idiosincrasia na variedade de fala de Vila Bela está justamente no fato inesperado da vogal central baixa, que funciona em todas as outras variedades do português, para atrair e ser transparente do traço nasal.

Em Vila Bela, esta vogal aparece como bloqueadora desse traço, e não só bloqueia o traço, como também não recebe esse traço nasal. Ou seja, a vogal central baixa não aceita o traço nasal, porque ela poderia deixar o traço passar, mas ela bloqueia essa possibilidade e é a partir desse fato que se dá a idiosincrasia de Vila Bela.

III.II. Dados e Análise de Consoante Nasal em Onset

A representação fonética dos dados da primeira coluna apontam para o não espalhamento do traço nasal da consoante em onset para a vogal no núcleo da sílaba anterior. Como vemos na palavra banana, que é pronunciada nas outras variedades do português, comumente como [bẽnẽna], nos dados da variedade linguística de Vila Bela, ocorrem como [ba'nana].

Já os dados da segunda coluna apontam que nas outras variedades do português, ocorre um espriamento do traço nasal da consoante em posição de Onset da sílaba posterior para a vogal no núcleo da sílaba anterior, ou seja, o espalhamento do traço

nasal ocorre entre sílabas diferentes. Salvo a regra esse segmento é nasalizado e na fala dos vilabelenses ele se apresenta como oral, mesmo na presença de consoante nasal.

Assim esse dado, [bẽnẽna], da forma como é pronunciada pelos nativos vilabelenses, [ba'nana], não apresenta um espalhamento do traço nasal que nas variedades do PB é automático pois, via de regra, a consoante nasal em coda ou em onset da sílaba seguinte, espalha o seu traço nasal para a vogal do núcleo da sílaba anterior.

Outro dado que podemos tomar como exemplo é a palavra arame:

Variedade do Português-----fala de Vila Bela-----forma fonológica

[a'rẽmɪ]

[a'rame]

/a.'ra.me/

Nesse dado também comprovamos o que estamos discutindo em nossa análise, a consoante não espalhou o traço nasal para a vogal /a/, como é esperado que aconteça com as vogais, pois as vogais nas línguas do mundo quase sempre são alvo de nasalização. Percebemos, também, que a vogal final do dado apresentado na variedade do português brasileiro sofre um alçamento da vogal /e/ pela vogal /i/. Fato que não ocorre na variedade do português de Vila Bela, que o aproxima a forma subjacente da língua.

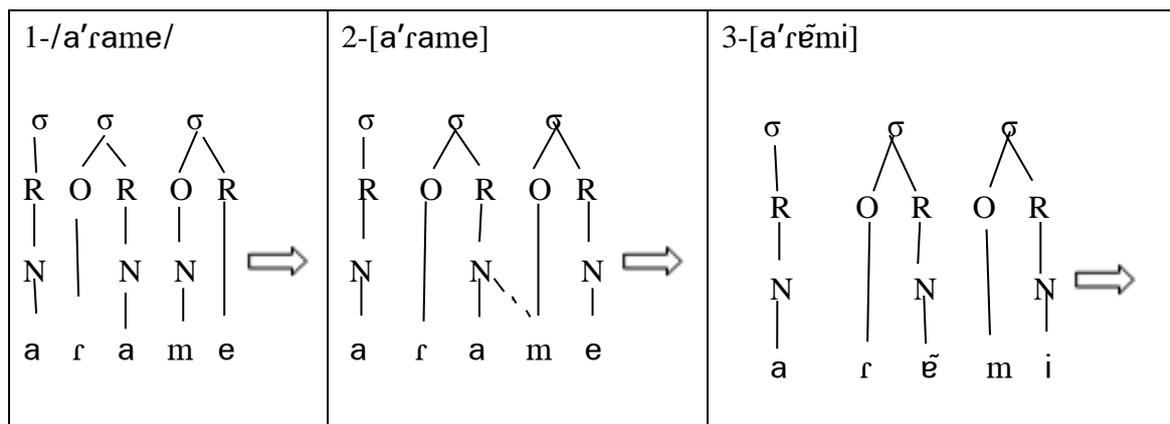
Sendo assim, a harmonia nasal não acontece em relação ao dado apresentado e sobre harmonia nasal, Quintino (2012) afirma que:

A variação em harmonia nasal deve aderir a uma hierarquia de segmentos. Conforme discutido em pesquisas anteriores sobre nasalização e retomado em Walker (1998), a variação nos conjuntos de alvos e bloqueadores supralaríngeos em harmonia nasal obedece a uma hierarquia implicacional em que para cada divisão, marcada por um rótulo numérico, todos os segmentos da esquerda serão alvos, enquanto aqueles à direita serão bloqueadores. (QUINTINO, 2012, p.169)

Vimos que a harmonia nasal está em muitas variedades do português, no entanto, porque não é assim nessa variedade em vila Bela? Se a vogal nasal não está

recebendo o traço nasal da consoante como deveria acontecer, então nessa variedade a vogal central baixa /a/ se apresenta como oral.

Escolhemos também o dado, [a'rame], apresentado na tabela F, linha 1, para demonstrar através de estruturas arbóreas a entrada fonológica de nasalidade, a partir das árvores com representações fonéticas, observamos o processo de nasalização da vogal na variedade do PB, representada pela geometria de traços:



As estruturas arbóreas acima representa o processo de espriamento da nasalidade na variedade do português brasileiro e como resultado final, temos essa última árvore que demonstra o processo de nasalização que é representado pela segunda vogal /a/, notamos assim, que na forma final desse segmento, na saída fonética para a entrada fonológica ocorre um alçamento do /e/ pra o /i/ porém, a principal função dessa representação é o espriamento da nasalidade, fato esse que não acontece com a variedade de Vila Bela nem tão pouco acontece o alçamento de vogal final (e/o) como verificamos nesse exemplo dessa variedade de fala.

Portanto, essa variedade de fala do português, falado pelos moradores de Vila Bela da Santíssima Trindade, em que o traço nasal surge de forma bastante particular nos segmentos que possuem a vogal central baixa, poderia ser tomado como um traço de inovação, ou seja, o não espalhamento do traço nasal da consoante para a vogal anterior, está essa consoante em posição de coda ou onset, enquanto no PB esse mesmo segmento espalharia seu traço nasal para a vogal anterior do núcleo, conforme atestam os dados acima. Essa assimilação, no entanto, não acontece na variedade de Vila Bela, de forma que a vogal /a/ permanece oral e a consoante tem uma realização fonética, que destoa das outras variedades da língua portuguesa.

A fim comprovar os dados acima analisados apresentamos a seguir um conjunto de dados que atestam o traço nasal [N] em consoante nasal em onset:

TABELA F

N: [n] Consoante nasal em Onset:

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
1 [a'rame]	[a'rẽmi]	/a.'ra.me/	Arame
2-[ba'nana]	[bẽ'nẽna]	/ba'na.na/	Banana
3-[anu]	[ẽnu]	/a'nu/	Ano
4[a'raŋa]	[a'rẽŋa]	/a.'ra.ŋa/	Aranha
4-[pa'moŋa]	[pa'mõŋa]	/pa.'mo.ŋa/	Pamonha
5-[ta'maŋo]	[tẽ'mẽŋu]	/ta.'ma.ŋo/	Tamanho
6-[ma'ŋa]	[mẽ'ŋẽ]	/ma.'ŋa/	Manha
7-[kana]	[kẽna]	/'ka.Na/	Cana
8-[ka'mada]	[kẽ'mada]	/ka.'ma.da/	Camada
9-[kapa'ĩŋa]	[kẽpẽ'ĩŋa]	/'kaN.pa.'i.ŋa/	Campainha
10-[a'mati]	[a'mẽtʃi]	/a.'ma.te/	Amante

Observamos que nas variedades do PB o onset acontece entre sílabas e dentro da mesma sílaba, não é um processo tautossilábico, ou seja, um processo particular da sílaba, o onset de uma sílaba em consoante nasal pode transferir o traço para a vogal e o núcleo da sílaba anterior, como atestam os dados da variedade do português brasileiro, porém no caso da variedade de fala do português de Vila Bela esse fato não ocorre.

Não se trata aqui nem de um processo de oralização da vogal núcleo da sílaba anterior, nem de um processo de desnasalização desta mesma vogal, uma vez que ela não nasce nasal, no caso de Vila Bela ela é oral de nascença. Assim hipoteticamente dizemos que esse é um processo de manutenção da oralidade, para a vogal central baixa, é o gatilho desse fenômeno, que se dá como um processo de não assimilação.

IV. Glide Posterior de Base /oN/ e Glide Labial /aN/. Uma Relação de Fala.

É pela língua que a fala se programa e acontece, ao mesmo tempo, no presente e no passado. A fala projetaria a língua para os fatos da fala; para a comunicação. A língua, por sua vez, resultaria das impressões da fala sobre o exercício mental, do esforço mental em traduzir os pensamentos em signos. (SAUSSURE).

Segundo Crystal (2008), glide é um termo usado na fonética para se referir a um som de transição, isto é, como os órgãos vocais se movem ou afastam de uma articulação. São exemplo de glides [j] e [w] e esse termo é usado para uma vogal em que há uma audível mudança de qualidade no som, e ainda, ditongos e tritongos são ambos tipos de glides (ou vogais de deslizamento).

No estudo da entonação, o termo às vezes é usado para descrever um tom que envolve uma mudança de nível de campo. A noção inclui assim uma queda e um aumento ou subida-queda de tons.

Em termos fonológicos os glides são segmentos que ocupam posição à margem da sílaba, eles não têm obstrução necessária para serem caracterizados como consoantes, mas ocupam posição de consoante dentro da sílaba, estão à margem da sílaba como Coda ou Onset.

No dicionário de termos linguísticos (ILTEC), os glides são semivogais com características articulatórias e acústicas análogas aos das vogais, entretanto possuem uma distribuição próxima das consoantes, porém não constrói núcleo de sílaba e antecedem ou são antecedidas por vogais nas quais constituem os ditongos.

Podemos dizer então, do ponto de vista fonético articulatorio, que os glides são segmentos que não apresentam obstrução característica da corrente de ar, para serem caracterizados como consoante, que necessitam de um grau de obstrução da corrente de ar, os glides não tem essa necessidade. No entanto, do ponto de vista fonológico eles ocupam posição de margem da sílaba, portanto, não ocupam o núcleo da sílaba como as vogais, estão funcionando sempre como semivogal, como é chamado em algumas gramáticas ou ainda semiconsoante, assim definidos por outras gramáticas.

Logo, eles são glides e estão divididos em glide palatal e glide labial, são segmentos que parecem com vogais, mas que dentro da sílaba ocupam lugar de

consoante, normalmente acompanhando uma vogal. Tomemos como exemplo o dado: [a'gwa], como no português padrão ou na gramática tradicional, os dígrafos, já estão previsto na língua, que nessa situação são os únicos ditongos crescente. Nesse caso temos o /gw/ e claramente a vogal tônica é o /a/, se a palavra apresenta uma vogal fraca seguida de uma mais forte temos um ditongo crescente. Apenas 10% dos ditongos são crescentes, os demais são ditongos decrescentes, é nessa categoria que se encaixa os glides ou semivogais. Para reforçar essa ideia Collischonn (2001), afirma que:

Os elementos [j] e [w] comutam com consoante (*mar, mau*). No nível subjacente todas as semivogais são vogais altas, que se tronam glides durante o processo de silabação. Os ditongos decrescentes formam-se ainda no componente lexical enquanto os ditongos crescentes se formam no componente pós-lexical. (COLLISCHONN, 2001, p.113).

Visto desta forma, apresentaremos duas tabelas com dados coletados através de entrevistas de primeira mão, dos moradores nativos de Vila Bela, a fim de demonstrar o uso dos glides, porém a reverso das regras da variedade do PB, pois há algumas peculiaridades na fala dos vilabelenses com seguimentos que possuem terminações com os glides palatal e labial, e esse fato é visivelmente destacado.

Verificamos os dados das tabelas abaixo que trazem as transcrições fonéticas da variedade do português de Vila Bela e da variedade do PB e ainda a transcrição fonológica de cada segmento. O que também nos chamou a atenção foi que na variedade de fala do português vilabelense os dados com glides terminados em /oN/ são comumente pronunciados /ẽw/ e os dados com glides com terminação /aN/ são pronunciados com [õ].

Apresentamos a seguir um conjunto de dados que atestam o glide palatal de base /oN/:

TABELA G

DADOS EM GLIDE PALATAL /oN/

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

[ˈgaɫˈsẽw]	[ˈgaɫˈsõ]	/gaRˈsoN/	Garçom
[baˈtẽw]	[ˈbaˈtõ]	[ba.ˈtoN]	Batom
[ʁõˈdẽw]	[ʁõˈdõ]	/ʁoN.ˈdoN/	Rondon
[ˈbẽw]	[ˈbõ]	/ˈboN/	Bom
[edreˈdẽw]	[edreˈdõ]	/e.dreˈdoN/	Edredom
[ˈsẽw]	[ˈsõ]	/ˈsoN/	Som

A partir desta tabela (tabela G), vemos as diferenças de fala entre a variedade do português de Vila Bela e a variedade do PB. É válido ressaltar que todos os segmentos obedecem as mesmas transformações, a título de exemplificação usamos o dado abaixo:

Na variedade de Vila Bela: [ˈgaɫˈsẽw]

Na variedade do PB: [gaɫˈsõw]~[gaɫˈsõ]

Assim na variedade do PB, apresentam-se duas possibilidades de fala para esse segmento que terminem em glide posterior de base /oN/, já na variedade de fala de Vila Bela se realiza como [ẽw]. Os dados coletados apresentados na tabela H mostram que no português padrão os segmentos que possuem terminação [ẽw], em Vila Bela se realizam como (/oN/: [õw]).

Dessa forma, percebemos a diferença dos sons da variedade do PB como via de regra, dados com terminações em [õw] apresentam um som fechado e na variedade de Vila Bela esse mesmo segmento apresenta-se com um som aberto, [ẽw], desse modo, o que é /oN/ no PB se transforma em [ẽw], na fala dos vilabelenses e vice-versa. Assim, notamos que todos os dados com as mesmas terminações obedecem a mesma transformação.

Apresentamos a seguir um conjunto de dados que atestam o glide labial de base /aN\:

TABELA H

DADOS EM GLIDE LABIAL - /aN/

REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DE VILA BELA	REPRESENTAÇÃO FONÉTICA DA VARIEDADE DO PB	REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
[kora'sõ:]	[kora'sẽu]	/kora'saN/	Coração
[boj'zõ:]	[boj'zẽu]	/boj'zaN/	Boizão
[ˈtõ:]	[ˈtẽu]	/ˈtẽu/	Tão
[vegeta'ˈsõ:]	[vegeta'ˈsẽu]	/ve.ge.ta'ˈsẽu/	Vegetação
[ˈĩtõ:]	[ˈĩtẽu]	/ˈĩ.tẽu/	Então
[ˈnõ:]	[ˈnẽu]	/ˈnẽu/	Não

Notamos ainda que na fala dos moradores de Vila Bela não só há uma transformação da vogal /a/ em /oN/, um distanciamento do /a/ para /o/, ainda existe um deslocamento que essa variedade de fala faz, que somente foi perceptível nos dados com terminações de [õ].

Percebemos um alongamento compensatório na fala dos nativos de Vila Bela, tomamos como exemplo o dado a seguir representado foneticamente temos:

Na variedade do português de Vila Bela: [kora'sõ:]

Na variedade do PB: [kora'sẽu]

Notamos nesses segmentos um evidente alongamento do /o/, assim percebemos o traço nasal, porém com um prolongamento, nesse caso na vogal /o/ notamos que ao

pronunciar esse dado os nativos de Vila Bela emite um alongamento. E para melhor entendermos a respeito de alongamento compensatório David Crystal, afirma que:

Compensatory lengthening in phonology, an effect in which the deletion of one segment is accompanied by an increase in the length of another, usually adjacent to it, thus preserving syllable weight. Typically, a vowel is compensatory lengthened when a syllable-final segment is lost, as in Old English *gȝs* 'goose', which comes from Germanic *gans* through the loss of the nasal and the lengthening of the preceding vowel. The phenomenon is of importance in phonological theories which recognize the role of syllabic weight (such as autosegmental phonology). (CRYSTAL, 2008, p.91/92).

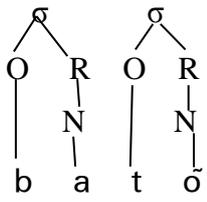
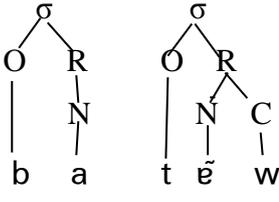
Desta maneira reforçamos a ideia de que alongamento compensatório é um efeito em que a eliminação de um segmento é acompanhada por um aumento no comprimento de outro, geralmente adjacente a ele, preservando assim o peso da sílaba. Normalmente, uma vogal é um alongamento compensatório alongado quando um segmento de sílaba-final é perdido. Esse fenômeno é muito importante nas teorias fonológicas que reconhecem o papel do peso silábico.

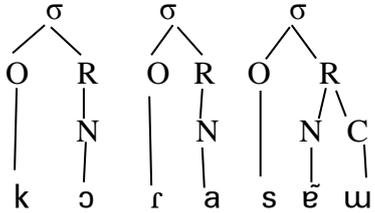
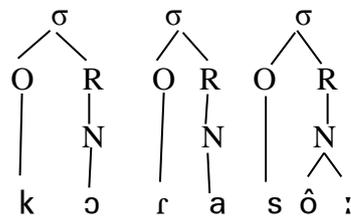
Assim o que era para ser [ẽw] na variedade vilabelense se transforma em /oN/ (ver tabela G) e conseqüentemente o que era para ser /oN/ é transformado em [ẽw], como é apresentado na tabela H.

É válido ressaltar que notamos a vogal /a/ sendo nasalizada, como tínhamos apontado no início de nossa análise que a vogal central baixa é oral nessa variedade de fala, porém em segmentos que possuem glide palatal de base /oN/ ocorre uma exceção, que não é algo que seja palpável para nossa discussão, visto que a maioria das palavras apresentadas com tais segmentos são exteriores à nossa língua portuguesa.

E ainda o espalhamento do traço nasal acontece para a vogal /o/, é ele quem recebe o traço e reage se realizando como [ẽw], assim se faz uma exceção na variedade de Vila Bela, é o momento que percebemos uma possibilidade de assimilação do traço nasal, porém com algumas restrições como foi discutido.

A fim de demonstrarmos o que estamos analisando, apresentaremos uma estrutura arbórea para melhor esclarecimento, fazendo a transcrição fonética dos dados, batom e coração.

<p>Glide palatal –de base /oN/</p> <p>No PB: ['ba'tõ]</p> 	<p>Em Vila Bela: [ba'tẽw]</p> 
---	--

<p>Glide labial de base /aN/</p> <p>No PB: [ko.ra'sẽw]</p> 	<p>Em Vila Bela: [ko.ra'sõ:]</p> 
--	---

Como é apresentado nos dados de Vila Bela, há uma realização bem particular, em que o /a/ no final dos segmentos apresentados na tabela acima é trocado pelo /oN/ e sofre um alçamento entre o /a/ e o /o/, e realiza-se como nasal, acontece de forma prolongada, tudo isso para ocupar os dois tempos existentes no segmento representado pelo glide, na variedade do PB, na variedade do português de Vila Bela esse processo não ocorre, para suprir essa semivogal é feito um prolongamento da vogal.

V. Considerações Finais

Fundamentado nas pesquisas sobre o traço nasal do português brasileiro de alguns estudiosos como Abaurre (1993), Bisol (2001), Cagliari (2002), Câmara Jr. (2015) entre outros, que argumentam não existir vogais subjacentemente nasal e a única fonte de nasalidade seria a consoante nasal, embasamos nossas análises para evidenciar uma possível ocorrência de bloqueamento do traço nasal na fala dos moradores de Vila Bela.

A partir dos fatos analisados, consideramos, no que diz respeito à fala dos moradores de Vila Bela, o não espraiamento do traço nasal para a vogal central baixa, portanto concluímos que não se trata de um processo de nasalização ou desnasalização, assim como também não é um processo de oralização ou desoralização, simplesmente a vogal núcleo, em posição de sílaba anterior se realiza naturalmente como oral. Sendo que a vogal /a/ está presente na maioria das palavras, o que a faz extremamente recorrente, enfim, isso foi o que nos levou a pesquisar essa variedade que ocorre em Vila Bela, que está alheio a regra do português brasileiro.

A fala dos vilabelenses faz com que um único ambiente, no caso a vogal central baixa, poderia ser considerado um fenômeno linguístico, uma vez que essa ocorrência caracteriza a variedade de fala daqueles moradores, pois devido à manutenção desse segmento oral, visitantes, pesquisadores ou qualquer pessoa de fora percebe esse fenômeno de fala, em primeiro contato com aqueles moradores. Esse traço distinto na fala dos vilabelenses parece se aplicar a grande maioria dos moradores nativos daquela comunidade.

Assim, evidenciamos que a fala dos moradores de Vila Bela está mais próxima da forma subjacentemente da língua, pois o núcleo da forma fonológica é oral, ela só se torna nasal a partir de um processo fonológico que ocorre no português padrão, porém esse processo não ocorre na variedade de fala dos moradores de Vila Bela, pois por algum motivo a vogal central baixa bloqueia essa nasalização. O que torna essa variedade incomum diante das línguas do mundo, pois a vogal central baixa é a vogal que mais aceita o processo de nasalização, porém em Vila Bela acontece uma idiosincrasia da língua pela língua.

Também observamos o glide posterior de base /oN/ que se realiza nesta variedade de fala como [ẽw] e o glide de base /aN/ que se realiza como [õ], são também peculiaridades que acontecem na fala destes moradores e são muito recorrentes.

Portanto a variedade de fala vilabelense nos proporciona novas percepções para estudos da fonética e fonologia, que antes não estavam em pesquisa, mas que de agora em diante abre-se essas possibilidades, pois ao percebermos que na fala dos vilabelenses a vogal /a/ é bloqueadora da nasalização, isto é uma descoberta que merece atenção e levanta hipóteses sobre a existência ou não de vogais nasais na língua. Como discutimos em nossa pesquisa, há teorias que dizem que existem vogais subjacentemente nasais, no entanto, nossos dados em análise mostram que a vogal central baixa realiza-se plenamente como oral em todos os dados apresentados.

VI. Referências

ABAURRE, Maria Bernadete Marques Gnerre. **Fonologia: A Gramática dos Sons**. UNICAMP.1993.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques Gnerre. **Fala Casual e Formal da Língua**. Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 2 : Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. (pgs.23-44). UNICAMP. 1981.

AMADO, Janaina. ANZAI, Leny Caselli. (Orgs.) *Anais de Vila Bela 1734-1789 / Cuiabá, MT: Ed. UFMT, 2006.*

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco: Estudo antropológico de Vila Bela**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Gonçalves, Marlene Oliveira. Suzi S. orgs. **Vila Bela da Santíssima Trindade: A Pérola Negra de Mato Grosso**. Cuiabá, MT. Entrelinhas, 2015.

BEDDOR, P. S.. **Phonological and phonetic effects of nasalization on vowel height**. Ph.D. thesis, University of Minnesota. Bloomington, IN: Indiana University Linguistics Club..... 1993. *The perception of nasal vowels*. In M. K. Huffman and R. A. Krakow (Eds.), **Nasals, Nasalization, and the Velum, Volume 5 of Phonetics and Phonology**, pp. 171–196. San Diego: Academic Press. 1983

BISOL, Leda.. **Um estudo sobre a nasalidade**. 1998

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso, 1904-1970. **Para o estudo da fonêmica portuguesa / Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.**

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 47 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Fonologia do Português. Análise pela geometria de traços.** Campinas: ed. do autor. 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Tese de Livre Docência • **Elementos de Fonética do Português Brasileiro.** Departamento de Linguística – IEL. Unicamp 1981

_____. **Elementos de fonética do Português Brasileiro.** São Paulo: Editora Paulistana. 1981.

CANOVA, Loiva. **Coletâneas do nosso tempo, Antônio Rolim de Moura: Um Ilustrado na Capitania de Mato Grosso.** Rondonópolis - MT, v. VII, nº 8, p. 75 a 86, 2008.

CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English.** New York, Harper & Row. 1968.

COLLISCHONN, Gisela. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 3 ed. Cap. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

COUTO, Hildo Honório do. O Componente Nasal das consoantes pré-nasalizadas do Crioulo da Guiné-Bissau: **Um caso de Extrassilabidade?** 1992.

CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics** / David Crystal. – 6th ed. p. cm. Revised ed. of: A dictionary of linguistics & phonetics. 5th ed. 2003.

Sixth edition published 2008.

FONSECA, João Severiano da. **Viagem ao Redor do Brasil.** 1875-1878 Vol.: 2. Typografia de Pinheiro e Cia. Rio de Janeiro-RJ, 1986.

LIMA, José Leonildo. **Vila Bela da Santíssima Trindade- MT: sua fala, seus cantos** / José Leonildo Lima-- Campinas, SP: [s.n.], 2000.

LORDELO, Monique Cristina de Souza. **Escravos negros na fronteira oeste da capitania de Mato Grosso na segunda metade do século XVIII.** ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. (Org.). **Diversidade Sociocultural em Mato Grosso** – Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008.

MARIANI, B. **Quando as línguas eram corpos: da colonização linguística portuguesa na África e no Brasil**. In: ORLANDI, E. (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas/SP: Pontes, 2007.

MORI CORBERA, A. H. 1997. **A Debucalizacao da Nasal /N/**. Em: **Aguaruna. Estudos** (São Paulo), Campinas, v. 26, n. 0, p. 461-465.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (orgs.) **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006, v. 1 – 6. Ed.

OLIVEIRA, Edevamilton de. **A Povoação Regular de Casalvasco e a Fronteira Oeste do Brasil Colonial**. (1783-1802) Dissertação de Mestrado. UFMT: Cuiabá-MT, 2003.

PECHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*: tradução: Eni Puccinelli Orlandi, et al. 5 ed. Campinas, SP. Unicamp.2014.

PIGGOTT, Glyne L. 1988. **The parameters of nasalization**. *McGill Working Papers in Linguistics*. Cahiers linguistiques de McGill. Native American Languages Issue. Vol. 5, N 2. December. 128-177.

PIKE, Kenneth. **Phonemics; a technique for reducing languages to writing**. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1968.

PONTES, Lucas de Almeida. **O espriamento da nasalização do português do Brasil** / UNESP. 2014

PORTUGAL, Alessandra. **Colcha de retalhos étnica: A (re)invenção da cultura chiquitana na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade**. / Alessandra Portugal. 2015.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Aspectos da fonologia xavante e questões relacionadas: rinoglotofilia e nasalidade** - Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

REZENDE, Prof. Joffre m. de. Prof. Emérito da Faculdade de Medicina da UFG.2002. E-mail: <http://www.jmrezende.com.br/maculo1.htm>. Em 13/04/2017.

SCHOURUP, Lawrence. 1972. "A Cross-Language Study of Vowel Nasalization." In *Working Papers in Linguistics*, Ohio State University. M.A. thesis, O.S.U. To appear.

SILVA, Acildo Leite da. **A Civilização pelas águas e a gente de cor: Urbanidade e relações educativas na Vila-capital da capitania de Mato Grosso (1752 – 1835)**. Cuiabá, MT. EdUFMT, 2014.

SILVA, João Bosco da. **Vila Bela à época de Luis de Albuquerque (1772-1789) / João Bosco da Silva**. – 2006.

WALKER, Rachel Leah. **Nasalization, neutral segments and opacity effects**. Tese. University of California Santa Cruz. Califórnia, EUA. Ed. Routledge. 1998.

WRIGHT, J. T. 1986. **The behavior of nasalized vowels in perceptual vowel space**. In J. J. Ohala and J. J. Jaeger (Eds.), *Experimental Phonology*, pp. 45–67. New York: Academic Press.

IPA. **Alfabeto Fonético Internacional**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/alfabeto-fonetico-internacional>. Acessado em 24/05/17.

Oficina de alfabetização – alfabetização: Afinal o que é que está acontecendo? Ministrante professora Dr. Gabriela C. M. de Freitas. Disponível em: http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/ens_fund_gabriela_mat.pdf Acessado em 06/09/17.

ILTEC. **Dicionário de termos linguísticos**. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1156>. Acessado em 02/10/17.

VII. Anexo

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (2005)

CONSONANTS (PULMONIC)

	Bilabial	Labio-dental	Dental	Alveolar	Post-alveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Epi-glottal	Glottal
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ			
Plosive	p b	ɸ β		t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ	ʔ
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	ħ ʕ	h ɦ
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ				
Trill	ʙ			ʀ					ʀ			
Tap, Flap		ⱱ		ɾ		ɽ						
Lateral fricative				ɬ ɮ		ɮ	ɬ					
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ				
Lateral flap				ɺ		ɺ						

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a modally voiced consonant, except for murmured ɦ. Shaded areas denote articulations judged to be impossible. Light grey letters are unofficial extensions of the set.

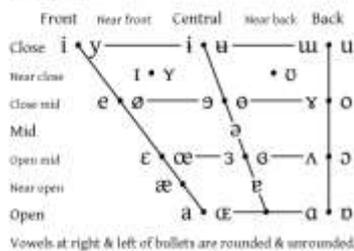
CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Anterior click releases (require posterior stops)	Voiced implosives	Ejectives
ⱱ Bilabial fricated	ɓ Bilabial	ʼ Ejectives
ɬ Laminar alveolar fricated ("dental")	ɗ Dental or alveolar	ɓ' Bilabial
ɮ Apical (post)alveolar abrupt ("retroflex")	ʄ Palatal	ɗ' Dental or alveolar
ɮ Laminar postalveolar abrupt ("palatal")	ɠ Velar	ɗ' Velar
ɮ Lateral alveolar fricated ("lateral")	ʄ Uvular	ɗ' Alveolar-fricative

CONSONANTS (CO-ARTICULATED)

- ɱ Voiceless labialized velar approximant
- ɰ Voiced labialized velar approximant
- ɥ Voiced labialized palatal approximant
- ç Voiceless palatalized postalveolar (alveolo-palatal) fricative
- ʝ Voiced palatalized postalveolar (alveolo-palatal) fricative
- ɧ Simultaneous x and ʃ (disputed)
- kp ts Affricates and double articulations may be joined by a tie bar

VOWELS



SUPRASEGMENTALS

- ˈ Primary stress
- ˌ Secondary stress [ˌfɒnəˈtʃən]
- eː Long
- e Short
- ˌ Syllable break
- ˌ Minor (foot) break
- ˌ Major (intonation) break
- ↗ Global rise
- ↘ Global fall

TOPE

- ˈ Level tones
- ˈ Top
- ˈ High
- ˈ Mid
- ˈ Low
- ˈ Bottom
- ˈ Tone terracing
- ˈ Upstep
- ˈ Downstep
- ˈ Contour-tone examples
- ˈ Rising
- ˈ Falling
- ˈ High rising
- ˈ Low rising
- ˈ High falling
- ˈ Low falling
- ˈ Peaking
- ˈ Dipping

DIACRITICS

Diacritics may be placed above a symbol with a descender, as ɲ. Other IPA symbols may appear as diacritics to represent phonetic detail: ʰ (fricative release), ʱ (breathy voice), ʔ (glottal onset), ʷ (epenthetic schwa), ʷ (diphthongization).

SYLLABICITY & RELEASES	PHONATION	PRIMARY ARTICULATION	SECONDARY ARTICULATION
ɲ ɳ	Syllabic	ɲ ɳ	ɲʷ ɳʷ
ɸ β	Non-syllabic	ɸ β	ɸʷ βʷ
ʰ ʱ	[Pre]aspirated	ʰ ʱ	ʰʷ ʱʷ
ɲ̚	Nasal release	ɲ̚	ɲ̚ʷ
ɻ̚	Lateral release	ɻ̚	ɻ̚ʷ
ɻ̚	No audible release	ɻ̚	ɻ̚ʷ
ɸ̚ β̚	Lowered (β̚ is a bilabial approximant)	ɸ̚ β̚	ɸ̚ʷ β̚ʷ